

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**O PAPEL DA REVITALIZAÇÃO DO
ESPAÇO PÚBLICO NA GERAÇÃO DE
NOVOS AFETOS URBANOS**

O conceito de “cidade feliz” aplicado a um “não-lugar” do
Bairro do Cais do Sodré e Santos

ADRIANA SIXEL RODRIGUES

Trabalho de projeto orientada pela Professora Doutora Ana Cristina Ferreira Mendes, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Cultura e Comunicação.

2021

O papel da revitalização do espaço público na geração de novos afetos urbanos: o conceito de “cidade feliz” aplicado a um “não-lugar” do Bairro do Cais do Sodré e Santos. © Adriana Sixel Rodrigues, Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade de Lisboa, 2021. A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa têm licença não exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, esta dissertação/tese, no todo ou em parte, em suporte digital, para acesso mundial. A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Universidade de Lisboa estão autorizadas a arquivar e, sem alterar o conteúdo, converter a tese ou dissertação entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, nomeadamente através da sua digitalização, para efeitos de preservação e acesso.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho de projeto do mestrado de Cultura e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa não poderia ter terminado sem o apoio de várias pessoas durante seu desenvolvimento. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer profundamente a minha orientadora, a Professora Doutora Ana Cristina Ferreira Mendes que, com todo respeito e competência, durante todo o percurso de desenvolvimento esteve disponível e me motivou bastante em relação ao tema sobre revitalização de espaços públicos, afetos urbanos e compreensão do que é cultura, trazendo referências bibliográficas atuais para que o projeto pudesse ganhar corpo e direcionamento, e, o mais importante, acreditando que eu poderia desenvolver um trabalho com qualidade, trazendo um tema atual para a cidade de Lisboa.

Agradeço também meu pai Fernando, minha mãe Clara e meu irmão Alexandre, que foram compreensivos durante o trabalho de conclusão deste projeto, apoiando, entendendo os meus momentos de ausências, e muitas vezes lendo trechos do projeto para que ficasse claro o que eu gostaria de escrever. Também sou grata a meus amigos Eduardo, Camilla e Fernanda, a colegas do mestrado e a todos que me apoiaram e acreditaram que eu conseguiria desenvolver um projeto para a cidade, mesmo diante de circunstâncias desafiadoras durante o período pandêmico que o mundo está vivendo.

Quero agradecer fortemente a Câmara Municipal de Lisboa que de prontidão enviou as plantas do espaço selecionado, desta maneira contribuindo para o desenvolvimento da proposta 3D do local.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que estiveram na linha de frente no combate a covid-19, seja em hospitais, no corpo de bombeiros, postos de saúde, ou nos centros de pesquisas para criar a vacina contra o vírus. A esses profissionais dedico o meu melhor agradecimento. Entendo que eles tiveram que ser fortes o suficiente para sair de casa, deixar seus familiares com o objetivo de oferecer o apoio a desconhecidos e, sobretudo, por reconhecer a importância de sua profissão mesmo em um momento tão desafiador e com tantas incertezas. A eles, ofereço a minha maior admiração e todo o meu respeito.

RESUMO

O presente trabalho de projeto apresenta-se como uma proposta de revitalização urbana com o objetivo de gerar novos comportamentos e emoções no “não-lugar” entre a zona do Cais do Sodré e Santos, na cidade de Lisboa. O espaço-foco do estudo é identificado como um “não-lugar”, segundo o conceito desenvolvido por Marc Augé, (1994), mas com potencial de atrair as pessoas, contribuindo para uma “cidade feliz”, ideia concebida por Charles Montgomery (2015). O trabalho de projeto tem como ainda como referência central a investigação do urbanista Jan Gehl (2014), que se dedica ao estudo das cidades, tendo com foco seu aproveitamento pelas pessoas. A proposta é elaborada no contexto da pandemia do covid-19, iniciada em 2019, com a subsequente restrição da circulação e uso de lugares públicos, para a diminuição da propagação do vírus, que até junho de 2021 contaminou 170 milhões de pessoas. Neste cenário ainda de incerteza, os gestores das cidades começam a estudar como ter espaços dinâmicos capazes de proporcionar novas experiências de vivência urbana e social de forma segura e sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Público; “Não-Lugar”; Experiência; Afetos Urbanos; Revitalização Urbana.

ABSTRACT

This project work presents itself as a proposal for urban revitalization with the objective of generating new behaviors and emotions in a “non-place” between the Cais do Sodré and Santos area, in the city of Lisbon. The study's focus-space is identified as a “non-place”, according to a concept developed by Marc Augé (1994), but with the potential to attract people, contributing to a “happy city”, an idea conceived by Charles Montgomery (2015). This project work has as a central reference the investigation of the urban planner Jan Gehl (2014), who is dedicated to the study of cities, focusing on their use by people. The proposal is developed in the context of the covid-19 pandemic, initiated in 2019, with the subsequent restriction of circulation and use of public places, in order to reduce the spread of the virus, which until June 2021 had infected over 170 million people. In this still uncertain scenario, city managers are beginning to study how to have dynamic spaces capable of providing new experiences of urban and social living in a safe and sustainable way.

KEYWORDS: Public Space; “Non-Place”; Experience; Urban Affections; Urban Revitalization.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Estudos Culturais: uma análise geral	10
2.1 Como definir o que é cultura?	10
2.2 Cultura como uma prática social	12
3. Os espaços e seus propósitos	14
3.1 Definição de espaço público	14
3.2 O “não-lugar”, o espaço esquecido em uma cidade	16
3.3 Afeto urbano	18
3.4 Apropriação de espaços, geração de novos valores	21
4. Os espaços públicos em meio à pandemia	25
4.1 O contexto covid-19	25
4.2 O novo comportamento social no espaço público	27
4.3 Os “não-lugares” de uma pandemia	29
5. A revitalização de um “não-lugar”	32
5.1 Cais do Sodré, a transformação de um “não-lugar”	32
5.2 Revitalização de um “não-lugar” proporcionando afetos urbanos	34
5.3 Análise do local selecionado	36
5.4 Zona Cais do Sodré	38
5.5 Benchmarking – Parque Ribeirinho Oriente de Lisboa	47
6. Revitalização de um espaço público na geração de novos afetos urbanos	50
6.1 Proposta Estrutural	50
6.2 Proposta Cultural	58
6.3 Proposta Visual e Setorização	59
7. Conclusão	65
8. Referências Bibliográficas	68

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Imagem da Torre de Belém, sem visitantes, em decorrência do encerramento de locais públicos decretado pelas autoridades durante a pandemia, abril 2020	30
Figura 02: Imagem da Praça do Comércio durante a pandemia, abril 2020	31
Figura 03: Local selecionamento para revitalização	39
Figura 04: Local selecionado para revitalização, setembro 2020	39
Figura 05: Local selecionado para revitalização, fevereiro 2020	40
Figura 06: Bancos e árvores do espaço selecionado, fevereiro 2020	41
Figura 07: Local de passagem, março 2020	41
Figura 08: Local vazio, julho 2020	42
Figura 09: Local utilizado para desporto, outubro 2020	42
Figura 10: Banco descascado e quebrado	43
Figura 11: Arborização precária	43
Figura 12: Local com vista privilegiada para o Tejo	44
Figura 13: Diferentes pisos em desnível nas áreas de descanso e de passagem	45
Figura 14: Diferentes pisos (pedras, asfalto, terra batida)	45
Figura 15: Buraco próximo à área de descanso	46
Figura 16: Parque Ribeirinho Oriente de Lisboa, antes da revitalização	48
Figura 17: Conjuntos de imagem do Parque Ribeirinho Oriente de Lisboa, após a revitalização, agosto 2020	49
Figura 18: Exemplo de calçada portuguesa	51

Figura 19: Exemplo de calçada com verde	51
Figura 20: Exemplo de natureza com mobiliário	52
Figura 21: Exemplo de área verde	52
Figura 22: Bancos integrados com espaço e natureza	53
Figura 23: Banco de descanso	53
Figura 24: Estações com diversas utilidades	54
Figura 25: Iluminação com tecnologia Led	54
Figura 26: Bebedouro acessível	55
Figura 27: Gola de árvore	55
Figura 28: Estação de ginástica para adultos em Cascais	55
Figura 29: Estacionamento Bicicletas	56
Figura 30: Estação brinquedo Parque Ribeirinho do Oriente	57
Figura 31: Quiosque em Lisboa	57
Figura 32: Projeto Setorial em parceria com a arquiteta Marina Rocha	60
Figura 33: Proposta Visual – espaço atual	61
Figura 34: Proposta Visual – revitalização	62
Figura 35: Proposta Visual – espaço atual	62
Figura 36: Proposta Visual – revitalização	63

1. Introdução

Os espaços públicos são ocupados de diferentes maneiras, seja para reivindicar algum tema proeminente da época ou para participar de espetáculos, feiras ou alguma experiência de entretenimento. As cidades, ao proporcionarem ambientes que contribuem para a vivência local, fazem com que os indivíduos participem da construção de novos significados para esses ambientes, e a vivência que o indivíduo tem no lugar contribui para criar uma experiência memorável.

O local público tem relação direta com a vida das pessoas; um ambiente de qualidade é um convite a experimentá-lo e, conseqüentemente, à convivência com quem mais o aceitar. Uma simples mudança no mobiliário urbano pode chamar a atenção para que o indivíduo utilize o local, podendo assim mudar o comportamento padrão da pessoa sobre um espaço específico (GEHL, 2014, p. 16). Daniel Innerarity discorre sobre o conceito de espaço público e a sua relação com as transformações perante uma sociedade contemporânea:

O “público” caracteriza aquilo que é de interesse geral e apela para um espaço de acção em que todos os membros da comunidade política resolvem dialogalmente os assuntos que dizem respeito de toda a sociedade. O espaço público é um lugar onde os problemas são assinalados e interpretados, onde as tensões são experimentadas e o conflito se converte em debate, onde é encenada a problematização da vida social. A ideia de espaço público reúne a totalidade dos processos de configuração da opinião e da vontade colectivas. (2010, p. 10)

Assim, acredita-se que o local público contribui para proporcionar novas experiências com a cidade; usá-lo como modo de sociabilização permite que sentimentos de pertencimento, felicidade e bem-estar sejam despertados. Há novas oportunidades de entretenimento e novos espaços públicos surgindo para atender a essa nova busca pela ocupação dos locais. No entanto, há locais públicos esquecidos pelo planejamento urbano por serem considerados malvistas, inseguros e de ruim acesso, sem qualquer significado para a sociedade, ou então apenas espaços de passagem, conforme a denominação de Marc Augé (1994), são chamados de “não-lugares”.

Segundo o site Dinheiro (2018), após a Expo’98, evento que teve o objetivo de celebrar os 500 anos dos Descobrimentos e que contribuiu para a revitalização de alguns espaços públicos em Lisboa, o primeiro bairro a receber um projeto com planejamento urbano foi o Parque das Nações. E, após o sucesso de sua revitalização, novos projetos se estenderam a outros locais excluídos ou abandonados em outras partes da cidade, como por exemplo Marvila, Braço de Prata, e outras zonas ribeirinhas da cidade de Lisboa.

As crescentes discussões sobre espaços públicos e desenvolvimento de projetos de revitalização, bem como as transformações comportamentais vistas em Lisboa de 2019 a 2021, foram inspirações para o desenvolvimento deste trabalho de projeto. Desta forma, tratar-se-á da (1) definição de espaço público e entendimento das diferentes percepções sobre o local; (2) compreensão do termo “não-lugar” de Marc Augé (1994); (3) investigação sobre os estudos do afeto e sua influência no entorno da cidade; e (4) a apropriação de espaços públicos na geração de valor para a cidade. Ainda será desenvolvida uma proposta criativa a partir de um espaço público identificado durante o estudo, com o objetivo de proporcionar novos afetos para a cidade, em especial, entre o trecho do bairro Cais do Sodré e Santos, contribuindo para que Lisboa seja cada vez mais uma “cidade feliz”, conceito idealizado por Montgomery (2015).

A prossecução desses objetivos conta com o embasamento teórico constituído por obras de: Charles Montgomery, que apresenta a temática sobre cidades felizes, apontando iniciativas de cidades que transformaram os seus espaços públicos, conectando-se com sua população por meio da criação de um sentimento de felicidade; Jan Gehl (2014), arquiteto e urbanista que tem como principal defesa a cidade feita para os pedestres e os ciclistas; Pedro Brandão (2011), arquiteto que propõe uma reflexão sobre como os espaços podem ajudar na construção da identidade e imagem de uma cidade; Marc Augé, já citado, que escreve sobre o não-lugar das cidades; e Ruth Leys (2011) e Nigel Thrift (2008) que, no âmbito dos estudos culturais, se debruçaram sobre a questão dos afetos e a relação com os espaços.

Desta forma, o trabalho inicia com a análise das diferentes definições sobre cultura, sob a ótica de autores como Williams (1961), Eagleton (2000), Hall (2003) e Sen (2015). Adicionado a este tema, será analisado a correlação da cultura social, de Williams, e os locais públicos. A seguir haverá a compressão sobre o significado de espaço público e será estudado o impacto que os lugares têm na geração de afetos urbanos. No capítulo seguinte, o foco será sobre a relação dos locais em meio a um cenário pandêmico, compreendendo e identificando os novos comportamentos sociais. Dando sequência, o objetivo será compreender sobre revitalização de espaços públicos como forma de gerar novos valores, significados e sentimentos. Ainda nesse momento será identificado e analisado o objeto de trabalho deste projeto. No penúltimo capítulo, será dedicado ao desenvolvimento de uma proposta estrutural, cultural e visual do espaço em questão. E por fim, apresentar-se-á a conclusão de todo o trabalho de projeto, que orbitará sobre a importância da revitalização do local escolhido para objeto de estudo e a sua influência na geração de novos afetos urbanos.

2. Estudos culturais: uma análise geral

2.1 Como definir o que é cultura?

A definição de “cultura” não é singular; é possível entender seus significados a partir dos estudos culturais, campo que investiga as interpretações existentes de “cultura”, analisando-as em contextos diversos. Chris Barker aponta que os estudos culturais sempre foram um campo de investigação multi ou pós-disciplinar e não podem ser considerados algo único, uma vez que não devem ser analisados sobre uma ótica física, social ou linguística, mas sim com base em todos os cenários sociais e comportamentais (2000, p. 5). Terry Eagleton examina semanticamente o significado da palavra “cultura”, cujo um dos seus significados provém de “lavoura”. A palavra tem origem no latim *colere*, que significa cultivar, habitar ou proteger. O autor também descreve que a palavra latina *cultus*, um termo religioso para “culto”, na era moderna foi substituída pelo conceito de divindade e transcendência (2000, p. 11-12).

Eagleton afirma que a cultura parte da premissa de que, em primeiro lugar está o homem e depois o cidadão, a política precisa movimentar-se para a formação de cidadãos responsáveis (2000, p. 18). Aponta ainda que o significado de cultura é subjetivo e seu entendimento depende da interpretação de cada indivíduo, mas ressalta a maneira de como o Estado exerce um domínio individual na sociedade civil (2003, p. 19). Ele apresenta também acepções filosóficas do termo, como a de Friedrich Schiller, para quem cada indivíduo é representado pelo Estado de forma objetiva e segue as normas da sociedade (SCHILLER apud EAGLETON, 2000 p. 19). Enquanto Eagleton defende que a cultura não está dissociada nem integrada à sociedade, Schiller afirma que a cultura é um mecanismo designado por hegemonia, que atua na formação dos indivíduos de acordo com as necessidades da política (2000, p. 20). Desta maneira, entende-se, a partida, que cultura contribui para a formação de valores de uma pessoa ou de uma sociedade, mas que há diversos fatores que fazem com que ela seja construída e influencie os mesmos, como por exemplo, questões políticas, sociais e econômicas de um país.

Eagleton cita também o sociólogo galês Raymond Williams, um dos responsáveis pelo desenvolvimento dos estudos culturais na década de 1960, no começo do pós-modernismo, que levariam à análise de comportamentos e práticas sociais e, no caso do último autor citado, com um viés esquerdista que refletia principalmente sobre a classe operária. Assim, aponta que cultura se baseia na análise etimológica da palavra; seu surgimento está relacionado ao trabalho rural e, no século XVII, tornou-se sinônimo de civilização. Ele defende que a palavra em francês, *culture*, tem seu sinônimo atrelado à civilização e o seu significado está ligado a influências sociais e políticas, porém, em outro extremo ponto, os alemães relacionavam a

palavra à cultura e à civilização, com vínculo direto com as esferas artística, religiosa e intelectual, assim, representava o pensamento de um indivíduo ou grupo e não o pensar da sociedade. Desta forma, a rivalidade entre a França e a Alemanha estava atrelada ao significado de cultura e civilização (WILLIAMS apud EAGLETON, 2000, p. 21).

No final do século XIX, os alemães começaram a utilizar a palavra *Kultur* para significar “vida social” em substituição ao termo “civilização”, que se tornara impregnado de conotação imperialista. Enquanto a palavra “civilização” remetia à ideia de civilidade, a palavra “cultura” era algo complexo, marcado pela espiritualidade. Nesse sentido, era necessário manter a dimensão social para construir uma crítica individual e não se reduzir ao cultivo individual (EAGLETON, 2000, p. 21-22). A definição pós-modernista de cultura de Johann Herder é mencionada sugerindo que “(...) se adopte para o termo ‘cultura’ a forma plural, ao referir-se às culturas de diferentes nações e períodos, bem como às culturas económicas e sociais no âmbito de uma mesma nação” (HERDER apud EAGLETON 2000, p. 25). Assim, se entende que, desde a morfossintaxe da palavra, a ideia de pluralismo é intrínseca à definição de cultura, que também está relacionada à autoidentidade, portanto, inclui distintas formas de viver; conforme aponta Edward Said, as culturas são interligadas, são híbridas e não monolíticas (1993, p. xxix).

Eagleton sugere que as pessoas não só vivem da cultura, mas também para a cultura, posto que sentimentos, memórias, relações familiares, comunidade, políticas, sensações compõem a cultura (2000, p. 167). Amartya Sen pondera que as identidades culturais não permanecem isoladas e isentas de outras influências, como classe, etnia, profissão e política, portanto, a identidade não é determinada somente pela cultura. Sen descreve que a cultura não é um atributo homogêneo, existem desdobramentos até dentro de um mesmo meio cultural, por exemplo, em um país é possível ter diferentes culturas no sul e no norte, por causa da influência que o local pode ter de outra região, clima, movimentos sociais, etc., sendo assim a cultura não é imóvel e não pode ser vista como algo isolado, sem considerar as influências (2015, p. 124-125).

Stuart Hall afirma que a definição de cultura é complexa: “A cultura não é uma prática nem apenas a soma descritiva dos costumes e das “culturas populares” (*folkways*) das sociedades, como tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas” (2003, p. 136). Dessa forma, reflete-se sobre a necessidade de entendermos todos os comportamentos e os cenários de uma sociedade para percebermos a cultura relacionada, muitas vezes plural e diversa; por exemplo,

por mais semelhantes que sejam um acontecimento e suas consequências, uma guerra pode repercutir de diferentes maneiras conforme as sociedades envolvidas. Portanto, para compreendermos a abrangência global de cultura, é necessário compreender antes os contextos sociais, políticos, econômicos tanto do indivíduo quanto da sociedade no qual está inserido.

2.2 Cultura como prática social

Williams aborda os paradigmas culturais e as diferentes definições de cultura, entre elas a cultura social, que representa a forma particular do modo de vida de um grupo ou de um indivíduo, que, em cada comportamento, em cada ação, gera aprendizados e histórias que trazem consequências significativas para a formação de uma cultura, ou seja, todo o comportamento social de um indivíduo ou sociedade influencia na definição e na formação de uma cultura social (1961, p. 57). O autor ainda julga necessário distinguirmos três níveis para a cultura: a cultura vivida, que o indivíduo experimenta em um tempo e lugar específicos, em um exato momento e, portanto, não há como ser revivida; a cultura registrada, que vivenciamos por meio de imagens, obras de arte ou qualquer tipo de registro que materialize um certo período; e a cultura da tradição seletiva, fator que conecta a cultura vivida e a cultura registrada. A cultura registrada ocorre de forma seletiva, pois, ao fazermos um registro, imprimimos tanto nosso desejo de registrar algo quanto o nosso ponto de vista, sendo assim, o registro implica uma intenção, uma subjetividade. Portanto, registrar um fato, uma situação ou um evento com exatidão absoluta é impossível, pois há influências externas que, conforme o ponto de vista, nos forçam a diferentes registros de cena (1961, p. 41). Em suma, a visão do autor sobre cultura é uma forma de analisar o comportamento de uma sociedade e os diversos significados que podemos ter em relação à cultura, uma vez que devemos considerar uma série de elementos, como comportamento, contexto, pessoas, valores etc. para termos uma definição de cultura.

Os espaços públicos também podem ser uma forma de observar como os comportamentos ocorrem. Carlos aponta que a cidade é um espaço de experiência no qual o individual e o coletivo se cruzam, o que proporciona múltiplos desdobramentos da leitura sobre o local. A autora ressalta que essa vivência pode estar relacionada à rotina ou a algum conflito do indivíduo ou pode até levar ao questionamento de paradigmas impostos pela sociedade (2007, p. 53). Brandão afirma que os espaços públicos permitem que os valores de uma sociedade sejam percebidos de forma intangível, ou seja, a partir do espaço público inferimos um determinado estilo de vida, assimilamos as qualidades de uma cidade (2011, p. 68). Acredita-se que uma forma de representação do espaço público é a cultura social de Williams,

uma vez que o local gera experiências únicas e memoráveis em certo período, promove ciclos sociais, gerando significados e valores para o indivíduo ou para o grupo, esse tem influência sobre a geração da cultura naquele período e a sua consequência para ele. Os espaços devem proporcionar atividades sociais acessíveis para todas as pessoas, gerando assim novos comportamentos para a sociedade.

Conclui-se que a percepção de cultura está relacionada à vivência de um indivíduo ou de uma sociedade, e esses são influenciados pelos diferentes contextos políticos, econômicos e sociais, e um dos meios de expor a cultura é na reflexão deles sobre os espaços públicos. Neles ocorrem manifestações socioculturais, mas também colaboraram para a experiência de uma cidade, e ao longo dos anos estão ganhando um novo significado – as praças, os parques, as ruas –, sendo transformados em palco de shows, festivais de música e arte, de exposições e encontros. A partir do entendimento do valor que esses lugares proporcionam, o governo proporciona que o indivíduo desfrute da cidade de uma forma democrática, proporcionando novos conhecimentos seja de grupos sociais ou novas músicas ou novas artes, mas que todos tem influência sobre a ampliação da imaginação e convívio com a diversidade presente no espaço urbano.

3. Os espaços e seus propósitos

3.1 Definição de espaço público

Ali Madanipour analisa os espaços públicos em cidades modernas e seus vários entendimentos por meio de tensões e perspectivas de diferentes grupos. Afirma que os espaços públicos devem ser locais acessíveis, desenvolvidos através de processos inclusivos (2010, p. 1), e que são importantes para a história de uma sociedade, pois ajudam na construção das relações, dos comportamentos e do urbanismo em si (2010, p. 2). Já Brandão argumenta que o espaço público é um meio através do qual o indivíduo pode adquirir novos hábitos, conhecer novas pessoas e vivenciar novas experiências; nesse contexto, todo local público tem a vocação permanente de um espaço de igualdade. Brandão reforça ainda que “os espaços públicos devem ser sempre vistos como bens de utilização livre, de acordo com um padrão de uso colectivo e socialmente aceito” (2011, p. 34).

Francesco Indovina afirma que “o espaço público deve ser considerado fundador da cidade (poder-se-á dizer em todas as épocas e em todos os regimes); no fundo, o espaço público é a cidade” (2015, p. 119). Acrescenta que os locais públicos ajudam na construção da identidade de uma cidade, além de terem o poder de ser espaços de relacionamento, de encontros de diferentes culturas (2015, p. 119). Os espaços públicos devem ser acessíveis a qualquer pessoa, sem custo, são também locais de diversidade, isto é, situações imprevisíveis neles ocorrem (2015, p. 120). Carlos comenta que o lugar é “a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso, que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustenta a vida, conferindo-lhe sentido” (2007, p. 50).

Innerarity discute o novo conceito de espaço público e suas transformações perante uma sociedade contemporânea. Para o autor, o espaço é um local de liberdade de expressão, onde os indivíduos têm oportunidade de dialogar sobre assuntos pertinentes a toda a sociedade. Complementa que: “A ideia de espaço público reúne a totalidade dos processos de configuração da opinião e da vontade colectivas” (2010, p. 10). Sendo assim, o local público tem grande significado para os cidadãos, como um palco no qual são os principais atores, onde têm o poder de expor seus pensamentos e lutar por seus ideais. Innerarity ainda expõe que há uma necessidade de rever o significado sobre as diferenças do que é o público e do privado:

(...) entre as muitas circunstâncias que nos obrigam a essa revisão, conviverá o mencionar o facto de a tradicional distinção entre o privado e o público se ter tornado muito precária, e talvez até imprestável, sem que seja muito claro o que deveria ocupar o seu lugar. Não estamos, provavelmente, nem perante o fim do privado nem perante o desaparecimento do público, conforme tem sido repetidamente proclamado, mas

sim, no decurso de uma enorme transformação da relação entre o que deve ser considerado privado e o que deve ser considerado público. (2010, p. 11)

Dessa forma, compreende-se que os espaços, públicos ou privados, começam a ter um novo papel nas representações culturais da sociedade. Com isso, novos significados são gerados, a relação desses locais começa a se moldar à forma de sociabilização e interação com eles. Para Innerarity: “Pensar o espaço público exige hoje que se comece por examinar as suas formas substitutivas” (2000, p. 22). Em Lisboa há diversos eventos, antes da pandemia, que surgiram pela necessidade de explorar cada vez mais os espaços públicos ou gerar entretenimento para os habitantes, como é o caso do Festival Out Jazz, evento que ocorre há mais de 10 anos e proporciona música em parques da cidade, ou então o evento Belém Art Fest, que também proporcionava música, mas em ambientes inusitados, como concertos no Monastério dos Jerônimos. Ambos os eventos são exemplos de como a cultura pode ocupar a cidade, gerando uma experiência memorável, além de novos significados para o espaço e para a cidade.

Gehl aborda a importância dos espaços públicos como meio de sociabilização e observa que esses locais são importantes convites para as pessoas verem e vivenciarem as cidades (2014, p. 16). Gehl afirma que, como o lugar tem ligação direta com as pessoas, as atividades sociais ocorrem quando houver um espaço na cidade que as permita (2014, p. 18). Além disso, defende que os seres humanos devem caminhar e que as cidades deveriam proporcionar espaços específicos para essa atividade (2014, p. 29). Indovina pondera que os espaços públicos devem ser reinventados (como, por exemplo, através da utilização de intervenções tecnológicas), mas principalmente, devem ser revitalizados, transformando o que estava esquecido em um meio essencial para conviver e socializar (2015, p. 123). Madanipour escreve que os espaços públicos devem atuar em diferentes funções em uma sociedade, por exemplo, locais para descanso, eventos, manifestações, mas todos devem ser acessíveis, isto é, qualquer pessoa deve conseguir chegar a um local público e desfrutá-lo conforme foi planejado. Por outro lado, se foi concebido como algo privado, com uma identidade fixa ou excludente, a essência do público é perdida, assim como a função de um espaço público também (2010, p. 8).

Assim, conclui-se que os locais fornecidos em uma cidade, do qual os seus cidadãos têm livre acesso, são extremamente importantes na formação de uma cultura e de uma sociedade. Neles podem ser gerados novos comportamentos e hábitos, potencializando ou transformando a identidade de um lugar. Os locais precisam ter vida, isto é, ter acontecimentos atrativos para proporcionar uma melhor experiência aos visitantes.

3.2 O “não lugar”, o espaço esquecido em uma cidade

Augé denomina um espaço como “não-lugar” aquele que está esquecido, perdido em uma cidade, e que, de certa maneira, não contribui para a construção de significados e identidade do local; ou seja, os “não-lugares” são lugares que, de certa forma, não serão reconhecidos como um espaço que servirá para a história de uma cidade (1994, p. 73). Ele aponta que:

Os não-lugares, contudo, são a medida da época: medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfícies, volume e distância, as vias áreas, ferrovias, rodovias e os domicílios móveis considerados “meios de transporte” (aviões, trens, ônibus), os aeroportos, as estações e as estações aeroespaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de lazer, e as grandes superfícies da distribuição, a medida complexa, enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo. (1994, p. 74)

O autor relaciona os lugares e não-lugares com a “supermodernidade” – para ele, a supermodernidade é a principal causa para o desenvolvimento dos não-lugares, fazendo com que se tornem espaços não antropológicos, que não interagem com o antigo e que não geram lembranças (1994, p. 73). Os termos “lugar” e “não lugar” são diferenciados: o lugar está vivo, está no cotidiano das pessoas e há uma utilização e significado de valor para os indivíduos de uma cidade, já o segundo não tem um propósito, não é visto como algo importante e pode ser esquecido pela sociedade (1994, p. 74).

Augé cita o exemplo de um viajante que passa por diferentes locais: os que geram uma experiência única, ou têm o marco de alguma atividade ocorrida, ficarão na lembrança; por outro lado, os espaços simplesmente atravessados perdem seu lugar na memória, seu sentido fica despercebido, como, por exemplo, uma rua de passagem, uma estrada. Com essa imagem, o autor propõe que: “O espaço do viajante seria, assim, o arquétipo do não-lugar” (1994, p. 80); ou seja, daqueles locais que não tiveram nenhum valor para a contribuição da história ali vivida, não haverá lembranças ou qualquer tipo de significado para ele. Acrescenta-se que esses espaços existem em todas as cidades ou vilarejos: há sempre uma rua, uma praça, uma esquina que passa despercebida pelos indivíduos que ali vivem.

Assim, pondera-se o desafio de entender esses não-lugares espalhados pelas cidades visando a possibilidade de promover ações para aderirem ao status de lugar público, ou mesmo sua revitalização total para que tenham o propósito do encontro e do entretenimento, isto é, para que ressuscitem e voltem a ser um espaço com valor para a cidade. Augé aponta que o indivíduo que frequenta o não-lugar normalmente precisa provar sua idoneidade, seja apresentado seu passaporte para embarcar em um avião ou seu cartão de identidade para realizar alguma

atividade no banco. O aeroporto Schiphol em Amsterdam, por exemplo, encaixava-se na definição de não-lugar, segundo Augé (1994, p. 74). Contudo, a capital holandesa entendeu a importância de gerar um novo valor para o aeroporto e trabalhou para criar formas de entretenimento para os passageiros e seus acompanhantes. Segundo o site *Sapo Viagens* (2017), esse aeroporto hoje abriga uma pequena versão do Museu da Ciência. Ali os visitantes encontram livros, exposições, instalações interativas e espaços de lazer que destacam a cultura holandesa.

O não-lugar não contribuiu para a construção de uma relação, pelo contrário, proporciona o afastamento entre o local e o indivíduo (1994, p. 95). Augé reflete que:

(...) os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares (e que sonha, por exemplo, com uma residência secundária enraizada nas profundezas da terra). Lugares e não-lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las. (1994, p. 98)

Complementa que o anonimato desses espaços contribui para a construção da solidão na cidade (1994, p. 110). Augé aponta que a identidade de um indivíduo em um não-lugar é reconhecida quando ele deve atravessar uma barreira da cidade, como, por exemplo, os pedágios ou as alfândegas, que atribuem um protocolo único e rígido a todos os candidatos de passagem, sem distinção de classe social. E que ainda, esses espaços ignoram a individualidade, gerando o sentimento de solidão (1994, p. 95). Desta forma, entende-se que um forma de alterar essa percepção e sentimento gerado, seria considerar a valorização dos espaços públicos, à medida que um não-lugar é reformulado, com instalações de mobiliário urbano, iluminação, atrativos de entretenimento, tornando-se de fato um lugar, e novos significados e sensações são geradas, à medida que o local começa a ter frequentadores, afirma-se que esse sentimento de solidão passa a não existir.

Gehl afirma que: “A cidade viva emite sinais amistosos e acolhedores com a promessa de interação social. A simples presença de pessoas, per se, sinaliza quais lugares valem a pena” (2014, p. 63). Complementa ainda que para uma cidade ter vida é necessária uma vida urbana agitada, com equilíbrio entre atividades sociais, como shows, feiras, comércios sazonais, quiosques, e atividades de lazer, como por exemplo, mobiliário de ginástica, quadras de esportes (2014, p. 63). Montgomery cita que a cidade tem o papel de construir e fortalecer laços afetivos e os espaços devem permitir que isso aconteça (2015, p. 18).

Desta forma, entende-se que há uma necessidade de identificar e reconhecer espaços com tenham potencial para a transformação de significados. Haja vista o parque Bela Vista, em Lisboa e sua transformação significativa a partir da Expo 1998. O bairro onde se localiza estava esquecido pela cidade, era visto como perigoso, contudo, a partir do Rock in Rio Lisboa (2004), voltou a ser frequentado e novos significados foram gerados para o bairro. Outro bom exemplo é o Hub Criativo do Beato: segundo o jornal *Público*, o local será um grande espaço de inovação e cultura, onde grandes empresas estarão presentes, como Mercedes, Super Bock e a incubadora de *startup* Factory. Segundo o Portal Idealista (2020), a Câmara Municipal de Lisboa investirá mais de 24 milhões de euros no apoio a atividades econômicas, como é o caso do Hub Criativo do Beato. Assim, fica evidente que a revitalização de espaços públicos e a transformação de espaços privados, além de melhorar a percepção emocional do espaço, cria uma relação prática positiva entre o local e o indivíduo.

3.3 Afeto urbano

Brandão nota: “As cidades serão feitas primordialmente de relações entre pessoas, e destas com o solo, as ruas, as praças, os monumentos, movimentos, as árvores, os jardins e edifícios... e outras coisas de que se fazem os sítios” (2011, p. 17). Complementa que a arquitetura é uma forma de expressar o discurso de uma cidade; para este autor, a evolução do *design* dos edifícios representa a história de uma cidade e, como consequência, contribui para a imagem do lugar (2011, p. 21). Gehl comenta a transformação do planejamento urbano:

A forma como as cidades são planejadas e se desenvolvem mudou drasticamente ao longo desse período de meio século. Até 1960, mais ou menos, as cidades no mundo todo se desenvolviam principalmente com base em séculos de experiência. A vida no espaço da cidade era uma parte vital dessa riqueza de experiência e acreditava-se, naturalmente, que as cidades eram construídas para pessoas. (2014, p. xiv)

Acrescenta ainda que, a partir de 1960, o planejamento urbano, que antes valorizava a experiência do cidadão, ou seja, das calçadas para locomoção aos espaços no quais o indivíduo poderia se movimentar sozinho, cedeu lugar ao que era considerado a modernidade das cidades, ou seja, máquinas e transportes. A partir dessa década, o foco do planejamento residiu na usabilidade das ruas tendo como eixo central a mobilidade dos carros; nesse contexto, o pedestre não era mais considerado o principal ator da cidade. O autor complementa que, somente após entenderem a relação da cidade com o pedestre, as pessoas voltaram a ser consideradas no planejamento da cidade (2014, p. xiv).

Gehl apresenta o cenário em que nas economias emergentes as pessoas tendem a utilizar mais o espaço urbano para realizarem suas atividades cotidianas; os locais incluem obrigatoriamente a passagem pelos locais públicos, mas pontua que o pedestre sempre é esquecido no espaço público (2014, p. 6). Ele afirma que uma cidade saudável deve ter espaços para as pessoas caminharem, fazerem atividades ao ar livre, mas somente será reconhecida como saudável se essas atividades forem usuais do dia a dia dos cidadãos (2014, p. 7). Além disso, quando os espaços públicos têm uma maior frequência de usuários, o local se torna mais seguro e transmite essa sensação a quem o frequenta, assim a cidade é vista e sentida de forma mais acolhedora (GHEL, 2014, p. 6). Montgomery observa a influência que a cidade tem na vida e nos sentimentos das pessoas (2015, p. 36). O autor propõe uma pergunta hipotética sobre a segurança de uma cidade: se um pedestre deixa cair sua carteira, quais são as chances de ela ser devolvida? E por quem? A resposta refletirá a percepção que cada usuário tem do espaço em que vive; se ele for seguro e confiável, refletirá também os relacionamentos que têm com sua rede (MONTGOMERY, 2015, p. 37).

A percepção de um indivíduo sobre o espaço é única; porém, esses entendimentos ocorrem, como vimos, de forma emocional e constroem o sentimento de pertencimento a um local (MONTGOMERY, 2011, p. 37). Montgomery acrescenta que, com a possibilidade de liberdade e expressão no espaço público, o sentido de cidadania se manifesta e, a partir do exercício da cidadania, novos valores coletivos são gerados com base nesse compromisso entre o espaço público e cidadão (2011, p. 55). O autor discorre sobre um fato importante ocorrido em Bogotá, ao fim do século XX. A cidade era considerada extremamente perigosa, um lugar inóspito para se morar, com guerras civis, terrorismo, bombas, poluição e tráfico de drogas. Porém, no final dos anos 1990, um novo prefeito seria eleito; Enrique Peñalosa, político colombiano candidato, não baseou sua campanha em temas econômicos, não prometeu aos habitantes que seriam menos pobres, mas sim que teriam melhor qualidade de vida, seriam mais felizes, poderiam andar nas ruas sem se preocupar com a violência, e que haveria igualdade entre todos os habitantes da cidade (2015, p. 4).

Peñalosa propôs uma nova forma de se ver a cidade; queria que os cidadãos enxergassem as ruas como um meio para resgatar a felicidade característica dos colombianos. As crianças já não brincavam nas ruas, as pessoas não viviam a cidade. Para mudar esse cenário, em seu terceiro mandato (2000), propôs uma experiência, o chamado *El día sin carro*, evento no qual todos os veículos particulares ficavam proibidos de circular durante o dia. O primeiro dia sem carro de Bogotá foi a 24 de fevereiro de 2000, um dia em que não foram registradas

mortes no trânsito e a taxa de internações hospitalares diminuiu (MONTGOMERY, 2015, pp. 4-6). Os benefícios eram evidentes e tangíveis; o evento foi tão positivo, que a proibição dos carros foi estendida a todos os dias, na hora do *rush*, até 2015 (2015, p. 6). Gehl explica que uma cidade segura é aquela em que os cidadãos entendem o valor de se caminhar pelos espaços urbanos, quando suas rotinas podem ser realizadas com conforto, com um sentimento de proteção (2014, p. 6). Na visão dos bogotanos, Enrique Peñalosa conseguiu resgatar o sentimento de felicidade, de segurança na cidade. *El día sin carro* continuou por mais de vinte anos e o impacto direto na população foi seu retorno às ruas, a apropriação do espaço urbano, recuperando o sentimento de pertencimento à cidade e, conseqüentemente, de confiança no governo. Assim, entende-se que o prefeito de Bogotá gerou novas percepções sobre a utilização das ruas, ao promover atividades no local, mas também influenciou os cidadãos a terem novos sentimentos, criando memória afetiva e incentivando o uso do espaço, que antes era considerado como algo perigoso.

Thrift (2008) menciona que uma cidade pode ser vista por meio de diferentes afetos irradiados por seus cidadãos, como a raiva, a felicidade e a alegria, em constante dinamismo. Portanto, qualquer evento tem o potencial de alterá-los, intensificá-los, abreviá-los ou estendê-los. O autor reforça que o afeto é um elemento vital das cidades (2008, p. 57). Para o sentido da palavra “afeto”, o autor tece que:

(...) não existe uma definição estável de afetividade. Pode significar muitas coisas diferentes, geralmente, associadas a palavras como emoção e sentimento, e um conseqüente repertório de termos como ódio, vergonha, inveja, ciúme, medo, repulsa, raiva, vergonha, tristeza, angústia, orgulho, amor, felicidade, alegria, esperança, maravilhamento, embora, por várias razões que ficarão claras, não creio que essas palavras funcionem bem como simples traduções do termo 'afetividade'. (2004, p. 59)

Os sentimentos de um indivíduo sobre a cidade têm relação direta com o estímulo a que é submetido; seu comportamento diante de uma ação ou evento é influenciado por esse estímulo. Leys comenta que esses afetos, ou seja, as emoções básicas do ser humano, são reflexos que se manifestam em diferentes formas, sejam fisiológicas ou comportamentais (2011, p. 438). Reflete-se sobre essa questão com um exemplo prático: ao voltar para casa, depois do trabalho, em um ônibus lotado, há pessoas que estarão confortavelmente sentadas, enquanto as que ficam amontoadas em pé estarão desconfortáveis e poderão ser menos receptivas a qualquer atividade que as incomode mais. A maneira mais imediata de se perceber qualquer reação nesse contexto é a expressão facial.

Thrift pondera: “as emoções formam uma rica teia moral através da qual e com a qual o mundo é pensado e sentido de maneiras distintas, embora nem sempre possam ser nomeadas” (2004, p. 60). Segundo Montgomery, o sentimento de segurança também é relacionado à resposta a uma ação; o exemplo do indivíduo que deixa cair sua carteira em um local da rua onde mora e as chances de recuperá-la, seja por um vizinho, um estranho ou um policial, ilustra o ciclo de relações construídas com o entorno, e, se o sentimento for de segurança e de confiança na sociedade que o cerca, é possível também detectar a questão da felicidade naquela cidade (2015, p. 37).

Montgomery apresenta um estudo feito na Suíça que apontou que problemas de saúde mental, como a esquizofrenia, são diagnosticados tendencialmente em bairros de renda baixa. Esses espaços, muitas vezes, estão distantes do centro da cidade e as pessoas não convivem com pontos comerciais, turísticos ou indivíduos fora do seu círculo, o que leva a um isolamento social; além disso, sabemos que as amizades, na vizinhança, no trabalho ou no ciclo social são importantes para evitar estresse (2015, p. 101). O autor lembra ainda que, durante muito tempo, as ruas foram feitas para todos, ou seja, para se caminhar e vivenciar os espaços (2015, p. 129), e relaciona essas atividades com a felicidade, gerada em parte pelo sentimento de quem tem influência na vida social de seu entorno (2015, p. 150). A experiência e a teoria concordam sobre o impacto emocional e físico que os espaços têm na vida dos indivíduos.

3.4 Apropriação de espaços, geração de novos valores

O espaço pode ser considerado uma forma de vida e a base para a construção de uma identidade da cidade; a relação dos cidadãos com ele é importante para que haja relações sustentáveis e sentido para o seu uso (CARLOS, 2007, p. 50). Entende-se que espaços abandonados proporcionam outro tipo de entendimento e sentimento pelo local, podendo até ser excluídos do dia a dia de uma sociedade. Porém, quando transformado, o espaço se torna apropriado; e todos os locais são passíveis a mudanças, seja no uso ou no sentido (CARLOS, 2007, p. 50). Montgomery aponta que a cidade deve trabalhar para aumentar a alegria e diminuir as dificuldades que a população poderá ter ao usufruir desses espaços (2015, p. 77). Reforça que os espaços têm como propósito a construção e o fortalecimento de laços afetivos (amigos, familiares ou mesmo estranhos), e, nesse sentido, os laços representam a maior oportunidade que a cidade oferece a quem a desfruta (2015, p. 78).

Novos valores podem ser construídos, assim como um novo entendimento de seus significados que a experiência proporciona para quem frequenta, principalmente, em espaços

públicos que proporcionam a vivência do espaço físico, mas também a experiência com o ciclo de amizade ou cultural (BRANDÃO, 2011, p. 62). Carlos pontua, “a rua não é só um lugar de espetáculo urbano, trajetos se recobrem de sentido, a rua se transforma em testemunho coletivo das formas de apropriação – um modo e um movimento de apropriação. A forma aqui vai ganhando sentido no ritmo da vida cotidiana” (2007, p. 55).

Brandão afirma que, para a construção de uma cidade positivamente afetiva para seus cidadãos, os novos projetos devem convocar um grupo de usuários do futuro espaço (2011, p. 90). Cita o exemplo da freguesia de Marvila, na cidade de Lisboa, que após a Expo’98 iniciou a revitalização que resultou na criação de uma linha de metrô e de novos sentidos para o sítio (2011, p. 91). Após 1998, o bairro começou a chamar a atenção de investidores locais, e marcas comerciais começaram a ter interesse em se apropriar da região em prol da população e dos próprios espaços públicos, como o caso do Rock in Rio Lisboa (2011, p. 94), que teve seu primeiro festival realizado no parque Bela Vista, em 2004, atraindo mais de 386 mil pessoas e gerando 9 mil empregos. Desta forma, compreende-se que ao ter empresas incentivando as mudanças locais, e proporcionando novos empregos e novas oportunidades, faz com que a suas transformações tenha um maior sentido perante a sociedade local, gerando assim, novos valores e significado para ele.

Montgomery faz uma reflexão sobre a Disneylândia, intitulado “O lugar mais feliz da terra”. Para tornar o aposto realidade, toda a estrutura arquitetônica do parque, todas as cores, transportes e objetos foram propositalmente construídos para despertar sentimentos de pertencimento e de felicidade, além de atuar sobre a memória afetiva dos filmes e das imagens que a Disney construiu para a infância de inúmeras pessoas (2015, p. 30-31). O efeito psicológico que o espaço proporciona é uma das formas de moderação dos relacionamentos interpessoais (MONTGOMERY, 2015, p. 36). Gehl afirma que os espaços são um convite para se vivenciar o novo, ter uma nova experiência ou mesmo conferir um novo uso à cidade (2014, p. 16). Vejamos:

Mudanças simples, como melhorias nos bancos no porto de Aker Brygge, em Oslo, podem mudar padrões de uso de forma significativa. Em 1998, os bancos antigos foram substituídos por modelos novos que aumentaram a capacidade de assentos da área em mais de 129%. Levantamentos feitos em 1998 e em 2000, antes e depois da mudança, mostram que o número de pessoas que utilizam os bancos dobrou em resposta às novas opções (+ 122%). (2014, p. 16-17)

No exemplo acima, a revitalização do espaço em Oslo, antes um não-lugar, contribuiu para um novo sentido ao local, o indivíduo vivencia o espaço, entende seu significado e, com isso, gera novos afetos em relação a ele. Gehl afirma que a vida em um espaço é versátil e a

complexidade das atividades permitem que se permaneça nele, como em locais de parada, descanso ou conversa, o que contribui para despertar o interesse sobre aquele lugar e vê-lo como um lugar onde se deseja estar, com a família ou com amigos (2014, p. 20). Carlos aborda a relação da cidade na construção de relações sociais e pondera:

A possibilidade do entendimento do espaço geográfico enquanto produto histórico e social abre perspectiva para analisar as relações sociais a partir de sua materialização espacial, o que significa dizer que a atividade social teria como condição de sua realização o espaço. (...) Deste modo, a reprodução de relações sociais materializa-se num espaço apropriado para este fim. (CARLOS, 2007, p. 47)

Acrescenta o fato de como a sociedade urbana influencia o modo de vida, os valores e a formação de uma nova cultura e de um novo comportamento do indivíduo (2007, p. 48). Dessa forma, os planejamentos arquitetônicos e urbanísticos devem considerar as atividades locais para que os espaços sejam produtivos e utilitários para a população. Ressalta-se a importância do pensar em escala humana e de se considerar a utilização racional dos recursos existentes, que são esgotáveis. Adicione-se a essas questões o design, a estética do lugar e a experiência que a cidade proporciona e o resultado será algo único e memorável, que contribuirá para as relações sociais de quem ali reside, por ali transita ou está em visita.

Gehl reflete sobre a cidade como um local de encontro, de segurança, salubridade e sustentabilidade, que deve oferecer oportunidades para se caminhar e ter contato com a comunidade do entorno, com o ar livre e com experiências gratuitas do local (2014, p. 19). Afirma que o ato de caminhar é característico de uma cidade, mas não é único, existem outras formas de vivenciá-la, como contemplar, descansar ou conversar; atividades sociais são uma maneira de observar os acontecimentos (2014, p. 20). Segundo o site Lisbon Lux (2019), a Ribeira da Naus, local de passagem que liga o Cais do Sodré ao Terreiro do Paço, foi requalificada em 2013 e proporciona desde então um amplo espaço para o pedestre, incluindo uma “praia de asfalto” muito utilizada no verão português. Acredita-se que esse seja um exemplo de como o bairro foi modificado para garantir que o visitante ou morador possa caminhar e vivenciar o local, proporcionando locais que convidam os visitantes a se encontrar e a observar a cidade.

Gehl reforça que a atração mais importante de um bar que tem cadeiras na calçada é a própria calçada, pois nela é possível ter a visão da vida urbana, entender as dinâmicas da rua, ver a cidade (2014, p. 25). Em 2007, em Nova York foi lançado um programa para estimular a versatilidade da vida urbana, opções de recreação e lazer foram incentivadas. A ampliação das calçadas na Broadway data desse período que abriu espaço para cafés com mesas externas e,

consequentemente, maior permanência dos consumidores a partir da oferta para se vivenciar o local (GEHL, 2014, p.22).

Em suma, as atividades sociais são necessárias para que o espaço seja atrativo, cheio de vida, caso contrário não ocorrerão (GEHL, 2014, p. 22). Essas atividades podem ser geradas pelo simples fato de grupos de indivíduos estarem na rua, conversando, ocupando-a com sua presença sociável, ou por meio de incentivos públicos e/ou privados que valorizem o espaço público. Carlos pondera sobre a importância das relações que são criadas nos espaços e as atividades sociais que, de certa forma, contribuem para a construção da identidade habitante-lugar (2007, p. 47). A autora estabelece a rua como um lugar em que o individual e o coletivo se misturam para revelar significados únicos para a experiência e não apenas um lugar de espetáculo urbano, mas de testemunho coletivo em diferentes formatos de apropriação, sendo em si uma potência de apropriação urbana, que ganha vida ao ser ocupada (2007, p. 55). Por seu turno, Canevacci argumenta que as ações que promovem a ocupação de espaços públicos também são importantes para criar recordações das relações estabelecidas, seja com pessoas ou com o próprio local. Os participantes não são apenas espectadores, mas também agentes de transformação, responsáveis por promover e fazer o espetáculo acontecer (2004, p. 33).

Em 2019, o Somersby Out Jazz, um festival de jazz, gratuito, em diferentes locais públicos da cidade de Lisboa, fez sua 13ª edição e a Ribeira da Naus foi escolhida como um dos palcos para o evento ocorrido em três domingos de agosto. O local também foi cenário para a música eletrônica, na primavera e no verão do mesmo ano, conforme a programação da Assemble Music, que convida músicos diversos para o desenvolvimento do projeto, segundo o site *NIT*. Gehl discorre sobre a importância das atividades para tornar o local um espaço de encontros (2014, p.19), Carlos confirma que as atividades sociais contribuem para a identidade de um habitante-lugar e que a rua não um mero lugar de passagem, mas figura como um elemento revelador de um local de experiência (2007, p. 47-55).

Assim, entende-se que criação de entretenimento em espaços públicos colabora para que a pessoa possa ter recordações, proporcionando experiências individuais e coletivas que contribuem para conexões com o bairro, mas também trazendo novos significados e sentidos para aquele espaço. E que ainda com processo de identidade e diferenciação de um local, e ao serem ao serem construídos ou revitalizados, esses potencializam as sensações afetivas e, assim, novas interações e relações com pessoas e com a cidade são estabelecidas.

4 Os espaços públicos em meio à pandemia

4.1 Contexto covid-19

No final de 2019, o vírus covid-19 foi identificado como responsável uma doença altamente contagiosa e perigosa, transmitida pelo contato direto com a pessoa infectada ou por meio do contato com as superfícies contaminadas (mesas, produtos, maçanetas, bancos etc.). Segundo o Ministério da Saúde de Portugal (2020), as gotículas após serem liberados na atmosfera por meio de tosses ou espirros permanecem vivos onde aterrissam. Por ser um novo vírus com rápida transmissão, a doença logo se tornou uma pandemia, trazendo profundas transformações para o mercado econômico e para os comportamentos sociais.

O primeiro caso em Portugal foi reportado no Porto em 3 de março de 2020 e logo se espalhou por todo país. Segundo o Público (2020) até o presente, 21 de maio de 2021, foram registradas mais de dezessete mil mortes no país e mais de um milhão de mortes em todo o mundo. Logo após o registro dos primeiros casos, o Governo de Portugal incentivou o isolamento social voluntário e alguns espaços, como museus e teatros tiveram sua programação suspensa, atividades esportivas em locais fechados foram proibidas e o turismo foi abalado como um todo.

Em 18 de março, como objetivo de conter a pandemia, o país decretou estado de emergência, isto é, segundo o site da República Portuguesa, o decreto estabelecia que atividades físicas coletivas ou aglomeração em espaços públicos estavam proibidas; o trabalho remoto deveria ser adotado quando possível; espaços comerciais (lojas, centros de compras) foram fechados, restaurantes funcionavam apenas com serviço de entrega em domicílio, eventos de entretenimento e celebrações de caráter religiosos foram proibidos; implementou-se o controle das fronteiras terrestres; os transportes públicos tiveram a sua capacidade de lotação reduzida; as escolas foram fechadas; o distanciamento de 1,5 metros entre pessoas em espaços públicos tornou-se norma; medidas de higienização dos espaços e das mãos bem como o uso de máscaras faciais tornaram-se obrigatórios. Diante da nova realidade, comportamentos socioculturais foram modificados e alternativas criadas para combater o ócio no momento intenso que a sociedade enfrentava.

Uma medida criada para combater o vírus foi o incentivo à veiculação a pé e de bicicleta ao invés do transporte público. Com esse objetivo, o governo lançou uma campanha para a compra de bicicletas e, segundo o portal da Câmara Municipal (2020), sua aquisição foi facilitada com um aporte no custo total, sendo até 100 euros para bicicletas convencionais, até 350 euros para as elétricas e até 500 euros para as de carga. O plano “Lisboa Ciclável” seguiu

forte ao lado de “A Rua é Sua” na capital, ambos com o objetivo de ressignificar o estilo de vida da cidade, com novas experiências focadas nas pessoas.

Um estudo realizado pela Câmara Municipal e Lisboa Capital Verde Europeia (2020) apresentou a necessidade de pensar-se em uma cidade pós-covid, menos poluída e com menos trânsito. O estudo apontou pontos como a viabilização de cidades mais saudáveis e, conforme o agravamento da doença era diagnosticado, evidenciou a relação direta entre poluição e mortalidade. Apresentou-se uma proposta de espaços públicos mais humanizados, com a criação de ciclovias e pavimentos amplos com o objetivo de garantir o distanciamento social, além de deixar os passeios mais agradáveis. A proposta do “Lisboa Ciclável” tem a bicicleta como alternativa para deslocamentos até 5 quilômetros, ligando os principais trechos das áreas residenciais a locais de trabalho e estudo. Além disso, bicicletários fechados serão aumentados para garantir o estacionamento seguro das bicicletas. O portal da Câmara Municipal de Lisboa (2020) divulgou que o presidente Fernando Medina apresentou uma linha de crédito de três milhões de euros para a compra de bicicletas na cidade. Além disso, a malha ciclável deverá ser ampliada, atingindo 200 quilômetros até 2021.

O plano “A Rua é Sua” foi reformulado para garantir as medidas de distanciamento. A ideia inicial era ter ruas, avenidas, espaços públicos que favorecessem a circulação dos pedestres e fossem mais utilizados, além de se criar uma área de convivência. Esse estudo confirmou que as ruas precisavam ter mais espaço para as pessoas, o que contribui para o distanciamento social e a mobilidade. As oportunidades identificadas foram a criação de espaços de sombras, promoção da arte urbana e o apoio ao comércio local. Para realizar o projeto, foram propostas ações como o alargamento dos passeios, suspensão do trânsito de automóveis em alguns trechos, colocando-se obstáculos para impedir o acesso de carros. O portal da Câmara Municipal de Lisboa (2020) reforça ainda que para manter as orientações da Direção Geral de Saúde, iniciativas de intervenção no espaço público também acontecerão, como nas áreas de espera ou as áreas externas dos restaurantes, que poderão, em alguns casos, dispor mesas e cadeiras para os clientes. Para tanto, os estacionamentos, que estão são localizados na rua, deverão ceder lugar para a construção desse espaço. Deste modo, proporcionando uma maior utilização para os pedestres e usuários dos restaurantes. Jacobs escreve sobre o incômodo da sociedade com os automóveis nas ruas e a busca por mais espaço para o pedestre (2011, p. 228).

Desta forma, observa-se a necessidade da reformulação dos espaços públicos de acordo com as medidas preventivas de contágio no mundo pós-covid-19 com o objetivo de se

reconquistar a confiança dos cidadãos para a utilização do que é de seu direito. Os sentimentos foram transformados, mas a necessidade de sair de casa, de vivenciar espaços que voltem a transmitir a sensação de liberdade é premente. Os incentivos criados pela Câmara Municipal de Lisboa podem ser potencializados por outros acontecimentos na cidade. A situação atual, com o vírus, não será facilmente superada até que a população esteja vacinada por completo, mas as emoções da sociedade podem ser trabalhadas com a criação de espaços públicos seguros.

4.2 O novo comportamento social nos espaços públicos

Gehl em conjunto com a cidade de Copenhagen e a associação Realdania (2020) desenvolveu o estudo *Public Space & Public Life during COVID-19* na Dinamarca. O objetivo foi compreender o comportamento humano na ressignificação dos espaços públicos durante a pandemia. A pesquisa apresentada uma análise sobre a ocorrência de grandes acontecimentos traumáticos, como guerras, depressões econômicas, questões climáticas ou contágios em grande escala, e as consequências, estruturais ou comportamentais, positivas ou negativas, para a sociedade no presente e no futuro. A cidade de Paris em meados de 1800 figura como exemplo: à época faltava ar fresco e sol, os parisienses abastados saíam da cidade para os balneários e campos, mas os que não tinham recursos adoeciam na cidade. Para mudar esse quadro, houve um planejamento com avenidas largas e grandes parques para proporcionar bem-estar para as pessoas que usufruíssem a cidade. Segundo o jornal *The Guardian* (2020), no início do século XIX, um surto de cólera eclodiu em Londres e mais de dez mil pessoas morreram, o que obrigou ao planejamento de um novo sistema de esgoto para evitar a proliferação da doença. Joseph Bazalgette, inglês e engenheiro civil, foi o responsável por entender a situação e desenvolver uma nova forma de transportar os resíduos com segurança para longe das águas potáveis, e após sete anos da sua implementação o sistema de esgoto estava disponível a quase todos os cidadãos. O engenheiro salvou milhares de vidas e foi fundamental para propor mudanças significativas em toda a construção de saúde pública nos anos subsequentes.

O estudo acima referido de Gehl contemplou as cidades de Horsens, Helsingør, Svendborg e Copenhagen em abril de 2020 em parceria com o escritório de arquitetura gerenciado pelo arquiteto, que utilizou a plataforma digital *Public Life* para coletar dados sobre estilo de vida durante dois anos (2018-2020). Observou-se que, durante a pandemia, as percepções de convívio com espaço público foram ressignificadas. Gehl (2020) denomina essas impressões como *snapshots* ou as “impressões da vida pública”. Ao todo são dez impressões que retratam

a alteração das atividades no centro das cidades, conforme a seguir: valorização das atividades ao ar livre e o uso das cidades para recreação, exercícios e convívio; crescimento na utilização dos espaços públicos por idosos e crianças; preferência por espaços que já proporcionam alguma atividade ao ar livre; em locais de grande fluxo de pessoas, as regras do distanciamento são difíceis de seguir; a mobilidade dá preferência por caminhos de pedestres, evitando carros e transportes públicos; e o aumento das atividades em espaços públicos, como nunca antes visto (Gehl, 2020).

A pesquisa recente de Gehl confirma que locais que proporcionam experiências sensoriais variadas são os mais procurados. Pondera-se que novos espaços surgiram ou foram reformulados para acompanhar o novo comportamento na utilização de espaços ao ar livre, desde a colocação de cadeiras e mesas nas esplanadas à revitalização de parques e praças. A segunda fase da pesquisa ocorreu com a reabertura do mercado, após o período de isolamento social, e apontou que, durante a pandemia, 63,64% das pessoas buscaram as ofertas de seus bairros como forma de descontração ou entretenimento. Outro dado apresentado foi a priorização de trajetos viáveis para bicicleta ou caminhada (GEHL, 2020, p. 28). O estudo apresenta ainda um comparativo das dez impressões sobre a vida pública, após o desconfinamento, foi constatado que as atividades nos centros das cidades voltaram a acontecer, mas de forma diferente, os estabelecimentos do bairro ainda eram priorizados pelos consumidores; as atividades em espaços públicos foram redistribuídas e, e contaram com a presença de idosos e crianças; o carro voltou a ser prioridade, mas de forma gradual; e por fim, há a compreensão da importância do distanciamento social, embora em alguns casos ele seja difícil (Gehl, 2020, p. 72).

O estudo termina com os grandes pontos encontrados nas quatro cidades, destacando análises que comprovam a necessidade de se rever o papel da cidade na sociedade pós-pandemia, visando uma estratégia cultural o entendimento de um novo comportamento social e de consumo, pois, ainda que se supere a pandemia, ficam as consequências desse período. As áreas da cidade precisam ser acessíveis a todos e, no momento, priorizam-se os espaços públicos e as áreas verdes, enquanto centros comerciais ou locais com aglomerações são evitados. Além desses temas, reforça-se a importância de os centros das cidades terem espaços verdes abertos para as atividades físicas, sociais e comerciais. O estudo indica ainda que o investimento em calçadas e em mobilidade de pedestres e ciclistas deveriam ser priorizados no planejamento de uma cidade pós-covid uma vez que a tendência é as pessoas usufruírem desses espaços, sentindo-se mais seguras em comparação aos transportes públicos (Gehl, 2020, p. 74).

Gehl (2020) também desenvolveu a pesquisa global *Public Space Plays Vital Role in Pandemic*, na qual avalia o uso do espaço público durante a pandemia. Foram analisados 40 estados dos Estados Unidos da América e 68 países nos cinco continentes, onde mais de duas mil pessoas foram entrevistadas. O documento apresenta que 35% dos entrevistados não usufruíram dos espaços públicos, a não ser para realizar atividades essenciais, como ir ao mercado ou farmácia. Porém, 65% deram um novo significado para os espaços que antes eram somente de passagem, mas durante a pandemia começaram a ser lugares para espairecer, socializar ou exercitar-se.

Os espaços públicos são utilizados principalmente para exercício (81%) e relaxamento (72%). Entretanto, mesmo utilizando esses locais, em geral, as pessoas têm receio de ficar em espaços com aglomeração (Gehl, 2020). Gehl propõe como solução a construção de faixas de corridas, ciclovias ou extensão de calçadas que, de certa maneira, contribuam para o distanciamento social, deixando as pessoas confortáveis para a prática de exercício ao ar livre e para o uso do local (2020). A pesquisa ressalta a importância da programação cultural do bairro para que seja atrativo e desfrutado por seus moradores.

O jornal *The Guardian* (2020) reflete sobre a transformação dos espaços de uma cidade em meio à pandemia e a busca por atrativos inimagináveis de um local, mas pontua que essa procura pode não ser tão duradora quanto parece. Jacobs afirma que a cidade é um grande laboratório de experiências, com a possibilidade de testar situações, entender o fracasso e o sucesso, e que faz parte do planejamento urbano compreender esse cenário e elaborar e testar as teorias (2011, p. 16); Jacobs acrescenta que “as ruas constituem as principais paisagens das cidades” (2011, p. 253). Montgomery pondera sobre a influência da felicidade urbana no humor de um indivíduo, elementos como contornos suaves, aromas sutis, supressas geram memória afetiva agradável (2015, p. 30). Desta forma, entende-se a necessidade de um olhar cuidadoso para os espaços públicos, o que já era importante antes do covid-19, torna-se urgente na situação atual. Há oportunidades de desenvolver locais mais atrativos que consigam proporcionar experiências únicas e memoráveis para os frequentadores e, conseqüentemente, uma nova percepção ou uma transformação do significado do espaço público.

4.3 Os não-lugares de uma pandemia

Montgomery discorre sobre a importância da paisagem urbana no papel de criar uma identidade para o espaço, gerando símbolos refletidos por meio de memórias e emoções, acrescenta que praças, parques, monumentos, arquiteturas enviam mensagens sobre o que

somos e para que serve a rua. Os espaços que têm lixo ou pichações ou qualquer tipo de degradação à vista são considerados espaços perigosos, que geram sentimentos como depressão e alienação (2015, 293); locais ermos também podem ser considerados inseguros e não despertam o interesse em frequentá-los nem a vontade de neles permanecer.

Durante o período da quarentena e da pandemia, os espaços públicos no mundo tiveram seus significados alterados; para controlar o surto da doença, as diretrizes eram evitar locais públicos com aglomeração. Assim, lugares altamente frequentados por turistas ou moradores passaram a não ser visitados. Segundo o portal Sapo Viagens (junho de 2020), em março de 2020, as ruas de Lisboa ficaram cada vez mais vazias devido ao covid-19 e isso sucedeu até o final da quarentena, quando alguns locais voltaram a funcionar com a lotação reduzida, como restaurantes, pontos turísticos e museus. Por receio da proliferação do vírus, os espaços públicos ainda são evitados.

Augé comenta que: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (1994, p. 73). Contudo, com as transformações históricas da pandemia global, os lugares podem se tornar um não-lugar quando seu significado é revisto e evitado. O autor também confirma que os não-lugares também podem ser gerados de acordo com uma medida da época, isto é, um espaço pode ser transformado em um local de passagem, não tendo significado relevante para a sociedade, como uma praça pode ser modificada para uma estação de transporte público ou então um espaço pode vir a se tornar em um aeroporto (1994, p. 74). Desta forma, reflete-se de maneira atual sobre os espaços turístico da cidade de Lisboa em 2020 durante a pandemia, esses tinham um grande público frequentador, mas foram considerados ambientes impróprios e inseguros, por conta da propagação rápida do vírus, assim, foram fechados obrigatoriamente e, abandonados durante o período de confinamento, tornaram-se um “não-lugar”.



Figura 1: Torre de Belém e Praça do Comércio sem visitantes, em decorrência do fechamento de locais públicos decretado pelas autoridades durante a pandemia, abril 2020. Fonte: Portal TST Rádio Notícias.

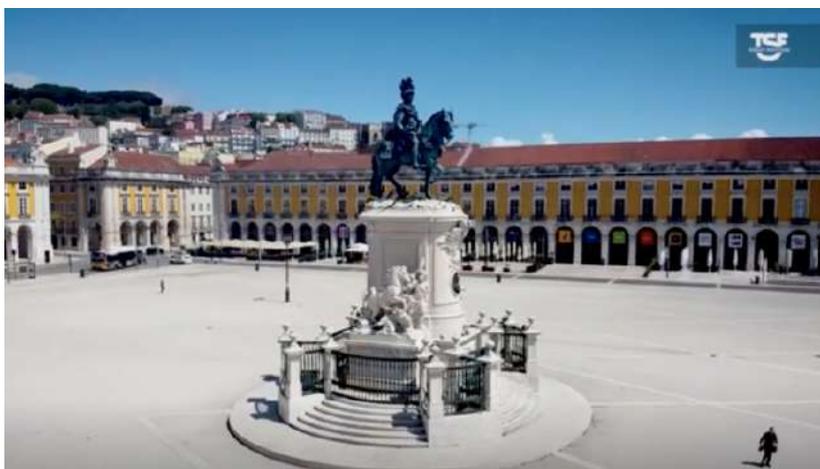


Figura 2: Imagem Praça do Comércio durante a pandemia, abril 2020. Fonte: Portal TST Rádio Notícias

Segundo Augé, “é no anonimato do não-lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos. Haverá, portanto, espaço amanhã, talvez já haja espaço hoje, apesar da aparente contradição dos termos, para uma etnologia da solidão” (1994, p.101); acrescenta ainda que “o não-lugar é o contrário da utopia: ele existe e não abriga nenhuma sociedade orgânica” (1994, p.102). Montgomery indica a necessidade de uma cidade se esforçar para maximizar a alegria e minimizar as dificuldades potenciais de situações inesperadas, tornando o local saudável e não doente, além de permitir a construção de laços e novas oportunidades (2015, p. 78).

Desta forma, conclui-se que os locais turísticos de uma cidade, durante a pandemia e a quarentena, tiveram seus valores e sua frequência revista, mas não perderam seu significado, temporariamente eles foram vistos como lugares de passagem ou abandonados. No entanto, de certa forma, quando sentimentos como confiança, segurança são resgatados, esses “não-lugares temporários” são ressignificados, despertando a memória afetiva e logo novamente frequentados, voltando a serem lugares. Em contraponto, alguns “não-lugares” podem ter seu sentido alterado durante a pandemia, tornando-se lugares.

5 A revitalização de um “não lugar”

5.1 Cais do Sodré, a transformação de um “não-lugar”

O bairro Cais do Sodré, localizado na Freguesia da Misericórdia em Lisboa, homenageia Vicente Sodré que, segundo a Junta (2020), foi um navegador importante e com grande influência nas questões comerciais e diplomáticas com a Índia. O local está próximo ao Rio Tejo, sendo uma região central da capital, o que facilitava as conexões mercadológicas e internacionais, além de ser uma região com inúmeros palácios da nobreza, esses que segundo Castilho foram refeitos pelo Marquês de Pombal em 1755 (1893, p. 224), como parte de processo de expansão da cidade. Em 1755 o Mercado da Ribeira foi transferido para o Cais do Sodré, mas só funcionou de fato a partir de 1882, segundo o site RTP Ensina (2009), o que colaborou para o comércio local de retalho, carne, verduras, legumes, entre outros e que mais tarde também daria local para lojas, restaurantes e feiras temáticas.

O portal Lisboa Conhecer e Contar História (2019) observa que, a partir de 1855, o bairro começou a ser modificado, obra que durou doze anos. Armazéns foram construídos para estocar os produtos e com isso, a região passou a ser um local não só de comércio, mas também residencial. No final do século XIX o bairro já era uma referência e novos públicos começaram a frequentar, como burgueses, intelectuais e artistas. Com o novo público, segundo o site, entre 1930 e 1980 os bares e as discotecas tinham o nome das principais cidades e países cujas embarcações chegavam ao cais, entre elas, Oslo, Jamaica, Texas, Shangri-lá e outros. No mesmo período, também estava em seu auge a Pensão do Amor, que fora um bordel, mas tornou-se hoje um dos principais pontos turísticos de Lisboa. A partir da década de 1990, a região começou a destacar a economia local, porém, em contraponto, o tráfico de drogas e a prostituição estavam cada vez mais presentes, impactando a qualidade de vida de moradores e frequentadores. A partir dessa década, a região recebeu investimentos para tentar reverter a situação, como a inauguração do metrô Cais do Sodré, em 1998, que liga a linha verde ao comboio sentido Cascais e à estação fluvial para a margem Sul do Rio Tejo.

Em 2013, segundo Lux Good (2013), desenrolou-se o projeto que daria o nome da Rua Cor de Rosa, com o objetivo tornar o espaço uma galeria ao ar livre, uma intervenção artística foi realizada com o patrocínio da bebida alcoólica Absolut e a fachada dos bares foi pintada de cor de rosa. O Mercado da Ribeira também sofreu alterações, segundo o site Público (2014), o objetivo era atrair mais pessoas e ganhar uma nova dinâmica. A revista Time Out ganhou o concurso realizado pela Câmara Municipal de Lisboa, em 2011, e transformou parte do mercado em uma área gastronômica, promovendo chefes e restaurantes renomados da cidade. E, como

forma de complementar a revitalização, em 2016, o *coworking* londrino Second Home foi instalado no primeiro andar do edifício. Observa-se que antes o mercado era um “não-lugar”, mas teve seu sentido alterado, trazendo novos sentimentos e significados para os frequentadores e, com isso, contribuiu para que o bairro ficasse mais policiado e seguro, tornando-se um ponto turístico. Os locais em espaço público também devem ter a devida atenção para que sejam locais de estabilidade e convivência, o que ocorreu com o Mercado da Ribeira teve influência direta no entorno e na rua que ele funciona, observa-se ainda que ao lado do mercado há uma praça com quiosque e cadeiras, trazendo mais entretenimento e sentido para o bairro.

Gehl afirma ser o dever de uma cidade proporcionar boas estruturas para as pessoas passearem ao ar livre, tornando-a invulnerável e sadia (2014, p. 19). Carlos avalia os percursos que o indivíduo faz ao caminhar, seja para realizar atividades cotidianas ou para lazer, percorre espaços públicos ou privados, portanto, esses locais ora são de uso individual, ora de uso coletivo. A autora reforça que o caminhar cria sentido para os lugares, pois dessa forma são compreendidos por meio dos sentidos produzidos durante a caminhada (2007, p. 52).

Em 2013, segundo portal Público (2014), a zona da Ribeira da Naus, local de passagem que liga o Cais do Sodré ao Terreiro do Paço, foi requalificada, proporcionando um amplo espaço para o pedestre, com uma “praia de asfalto” muito frequentada no verão português. Esse é um exemplo de como o bairro foi modificado para garantir que o visitante ou morador tenha espaços para caminhar, para vivenciar o local. O bairro também oferece outros locais que promovem aos visitantes espaços para encontros e para observar a cidade. Na Rua Cor de Rosa, os bares, em sua maioria, têm cadeiras em frente à fachada dos estabelecimentos e na rua, fechada para carros e motos. Assim, de dia ou à noite, quem frequenta o local pode aproveitar o bar e observar a dinâmica da rua, vendo quem por ali passa ou passeia. Para Gehl, a atração principal de um bar com cadeiras na calçada é a própria calçada, pois nela vê-se a vida urbana, entende-se a dinâmica da rua, compreende-se a cidade (2014, p. 25). Ainda segundo o autor, as atividades sociais são necessárias para que o espaço seja atrativo, tenha vida, caso contrário não ocorrerão (GEHL, 2014, p. 22). Gehl aponta que acontecimentos, como um cantor que toca sua música ou um artista que pinta sua tela, podem estender a permanência dos passantes, também o bom posicionamento de bancos e cadeiras pode melhorar a visão da cidade (2014, p. 25).

As relações criadas no Cais do Sodré podem ser práticas ou afetivas, na primeira entende-se que o cidadão possa utilizar o bairro como passagem, e, na segunda, de acordo com o já citado, ao vivenciar o espaço, criam-se recordações que contribuem para a experiência e, como consequência, para a identidade do bairro. Augé argumenta que um lugar se complementa

pela troca de sentimentos e experiências, essa troca entre lugar e indivíduo se estreita à medida que há intimidade na relação e o lugar se torna um local de experiência (1994, p. 73). Retomando Carlos, essas relações ocorrem pelo fato de que os indivíduos não habitam a cidade, mas sim os lugares da cidade (2007, p. 14).

Portanto, vemos que ao longo de décadas o bairro Cais do Sodré foi sendo reformulado, revitalizado e surgiram atrativos variados que geraram novos significados para o lugar e os sentimentos a ele atrelados. No passado, foi um local de comércio, mera passagem, ponto de drogas e prostituição, mas atualmente é um atrativo turístico, com restaurantes, bares, caminhos para passear, bancos para descansar, ler, conversar ou contemplar a vida que passa por ali. Gehl aborda a importância de atividades para tornar o local um espaço de encontros (2014, p.19) e Carlos aponta que as atividades sociais colaboram para construir uma identidade de um habitante-lugar e que a rua, não aparece apenas como um local de passagem, mas sim como um elemento revelador de um local de experiência (2007, p. 47, 55). Dessa maneira, vemos que o Cais do Sodré desenvolveu elementos que proporcionaram novas dinâmicas que geraram novos significados. Porém, pondera-se que há uma oportunidade para se continuar a revitalização, contribuindo-se para a construção de novos sentidos e a geração de novos afetos pelo local e, conseqüentemente, pela cidade de Lisboa. A apropriação de um local abandonado, ou um de passagem, de um “não-lugar”, como as vias pedonais ao lado do Rio Tejo, podem contribuir para uma nova experiência memorável para quem o frequenta ao trazer uma utilização inédita do espaço esquecido na cidade. Entende-se ainda que seja uma oportunidade para trabalhar novos sentimentos em meio à pandemia atual.

5.2 Revitalização de um “não-lugar” para que proporcione novos afetos urbanos

Montgomery aponta que a felicidade da sociedade pode ter uma correlação com a casa em que se vive, isto é, indivíduos que vivem em casas movimentadas tendem a querer sair de casa e sentir-se bem em locais públicos tranquilos (2015, p. 234). Além disso, os sistemas sociais influenciam os sentimentos e emoções (2015, p. 266). Gehl explica que há uma estreita relação entre o uso dos lugares públicos, a qualidade deles e a dimensão humana, no sentido de que “as cidades podem convidar as pessoas para uma vida nela, há muitos exemplos de como a renovação de um único espaço, ou mesmo a mudança no mobiliário urbano e outros detalhes podem convidar as pessoas a desenvolver um padrão de uso totalmente novo”, e reflete que os novos espaços de uma cidade influenciam os comportamentos e os padrões de usos da mesma

(2014, p. 16). Para o autor as atividades sociais ocorrem em locais que proporcionam às pessoas uma vivência ali, como, por exemplo, a oferta de bancos e locais de descanso (2014, p. 18).

A importância da arquitetura dos locais para que gerem oportunidades de caminhar é um pré-requisito para a vida urbana se desenrolar, esse simples ato pode refletir comportamentos sociais e sentimentos sobre a apropriação dos espaços (GEHL, 2014, p.19). Montgomery descreve que em Bogotá, por ocasião de *El día sin carro*, mais de um milhão de carros ficaram na garagem e as pessoas puderam andar a pé pelas ruas – o que era para ser um experimento tornou-se um evento anual (2015, p.12). Além de se favorecer o espaço para o caminhar, é importante se entender o paisagismo do local. Gehl confirma que as árvores e flores têm um papel fundamental para a vida urbana acontecer, uma grande árvore pode ser um elemento representacional de um lugar; os pontos verdes são essenciais para a evocação da “recreação, introspecção, beleza, sustentabilidade e diversidade da natureza” (2014, p. 180), itens da boa qualidade de vida. A iluminação do espaço também é de suma importância para despertar o sentimento de segurança, orientação e qualidade visual quando escurece ou durante a noite (2014, p.180). Montgomery aponta que cidades com menos verde têm, conseqüentemente, maior taxa de assaltos, roubos ou assassinatos (2015, p. 202) e que um estudo realizado em Los Angeles apresentou que pessoas que viviam próximas a parques se sentem mais confiantes e úteis, independente da sua classe social (2014, p. 204). Desta maneira, observa-se que esses indivíduos têm mais vontade de frequentar os espaços públicos, locais onde se socializam.

Gehl apresenta reflexões sobre uma cidade dever ser boa o suficiente para gerar encontros, sendo necessárias três atividades básicas, ver, ouvir e falar para que as pessoas se encontrem em um espaço público. Em suas palavras:

Observar a vida na cidade é uma das mais importantes atrações urbanas. Ver gente é uma atividade universal que ocorre constantemente quando andamos, paramos ou nos sentamos. O uso de bancos e outros tipos de assentos é estimulado desde que ofereça uma boa visão das pessoas. A visão de outras atrações, como água, árvores, flores, fontes e arquitetura devem ser também parte das considerações urbanistas. (2014, p. 148)

O autor faz uma reflexão sobre as lojas da Apple nos grandes centros urbanos, sua arquitetura é pensada de forma estratégica para que faça parte da vida urbana existente no local, com isso grandes janelas e portas de vidro transparente predominam na fachada (2014, p. 149). Assim, as pessoas dentro da loja podem ver o que ocorre na rua e vice-versa, despertando o desejo de quem passa por aquele lugar. Gehl faz o contraponto com lojas que têm vitrines e

portas trabalhadas com elementos pesados, como o aço, que gera o sentimento de insegurança e confinamento (2014, p.150). Conforme o paralelo existente entre as lojas da Apple e os espaços urbanos, o cuidado com os detalhes é fundamental, os elementos devem ser selecionados para apresentar sentimentos e desejos, os materiais empregados na construção dos espaços devem ser estudados para não se causar um efeito negativo.

Tendo em mente a geração de sentimentos e afetos urbanos, os espaços públicos devem ter um projeto amplo, que contemple desde os materiais, o paisagismo, os bancos, árvores à localização e acesso para uma melhor performance do lugar. Após analisarmos a cidade de Lisboa, identificamos um espaço potencial, atualmente funcionando apenas como lugar de passagem de pedestres, pescadores e esportistas, para ser revitalizado e apropriado, com o objetivo de conquistar para ele novas emoções e significados.

5.3 Análise do local selecionado

O entendimento da dinâmica do local eleito é crucial para compreender todas as frentes a serem trabalhadas e continuadas para o desenvolvimento do projeto. O local do trabalho de projeto, realizado para efeitos da conclusão do curso de Mestrado em Cultura e Comunicação, foi selecionado a partir de uma vivência nas ruas de Lisboa e definido com base em sua potencialidade de revitalização, de acordo com os elementos citados por Gehl, Montgomery, Brandão, Carlos, entre outros autores aqui citados.

Para a análise, foi identificada a necessidade de utilizar a metodologia de pesquisa de observação. Quivy e Campenhoudt descrevem que esse tipo de investigação “engloba o conjunto de operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipótese e por conceitos) é submetido ao teste de fatos e confrontado com dados observáveis (1995, p. 155). Assim, ao compreendermos os diversos estudos culturais sobre espaços urbanos, revitalizações e a própria história do bairro, foi diagnosticada a importância de se observar a zona Cais do Sodré e Santos para que a análise fosse mais assertiva para a futura proposta. A observação foi realizada de forma não participante, ou seja, a investigadora observou “de fora” os comportamentos sociais de curta ou longa duração no local, ora utilizando grelhas de observação, ora sem o apoio delas (Quivy e Campenhoudt 1995, p. 198).

Sobre a observação direta, os autores acima complementam que o investigador não tem contato com os sujeitos interessados, isto é, recolhe as informações de acordo com o seu sentido de análise, os indivíduos não influenciam diretamente, mas sim indiretamente, por meio da compreensão do investigador (1995, p.164). Afirmam que “(...) os métodos de observação

direta constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos quando se produzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho (1995, p. 196). E acrescentam que:

As observações sociológicas incidem sobre os comportamentos dos atores, na medida em que manifestam sistemas de relações sociais, bem como sobre os fundamentos culturais e ideológicos que lhe subjazem. Neste sentido, o investigador pode estar atento ao aparecimento ou à transformação dos comportamentos, aos efeitos que eles produzem e aos contextos em que são observados, como a ordenação de um espaço ou a disposição dos móveis de um local, que cristalizam sistemas de comunicação e de hierarquia. Resumindo, o campo de observação do investigador é, a *priori*, infinitamente amplo e só depende, em definitivo, dos objetivos do seu trabalho e das suas hipóteses de partida. A partir delas, o ato de observar será estruturado, na maior parte dos casos, por uma grelha de observação previamente constituída. (1995, p. 196-197)

Acredita-se que no espaço urbano há diversas influências que podem impactar o comportamento social, podendo ser estruturais (mobiliário, iluminação, segurança etc.) ou mesmo alterações das estações climáticas, como as diferenças do verão e o inverno. Entendê-las torna-se fundamental para a compreensão do todo, assim como criar uma análise que identificará oportunidades e ameaças. Coverley apresenta o termo “psicogeografia”, que compreende a união do impacto comportamental no local urbano (2006, p.10), e acrescenta que a “psicogeografia pode ser ultimamente vista menos como produto de um tempo e lugar específicos do que como o ponto de encontro de uma série de ideias e tradições com histórias entrelaçadas” (2006, p. 11). Reflete ainda sobre a importância do caminhar, conforme Gehl, um ato que pode compreender uma atividade urbana, permitindo entender, de fato, a representação oficial da cidade (2006, p. 12).

Coverley cita o *flâneur* – termo desenvolvido por Charles Baudelaire – que define a experimentação de uma cidade pelo ato de caminhar e assim compreender as suas amarras. O *flâneur* é uma figura importante na transformação da cidade moderna, mas também um desafio para a sua própria existência, uma vez que as cidades se transformam de maneira a desfavorecer o ato de caminhar (2006, p. 20). Gehl complementa que essa figura está imersa na multidão, mas não vivencia o todo, ele é isolado, podendo ser um estranho, que pode ter o papel de descobrir um novo tipo de cidade, uma vez que anda e descobre locais não frequentados (2006, p. 60). O autor ainda complementa que “O *flâneur* é evasivo a ponto e não poder ser localizado, mas a busca por esta figura em si assume as características do *flâneur* e oferece novas formas de experienciar a cidade” (2006, p. 61). Assim, compreende-se o papel fundamental dessa figura para o entendimento de um espaço urbano ou na geração de novos locais.

Coverley aponta que a psicogeografia, uma vez que compreende os comportamentos e a dinâmica do local, pode ser trabalhada de forma que o ambiente se torne entediante (2006, p. 13). Após a análise de um espaço urbano, é possível identificar maneiras de potencializar o que é valioso e transformar o que é rejeitado. Assim, reforça que os impactos emocionais e comportamentais devem ser analisados de forma a promover um espaço, um ambiente novo, que pode refletir e facilitar os desejos de uma cidade, que pode transformar uma cidade (2006, p. 89).

Desta forma, para a análise da zona que liga o Cais do Sodré a Santos, espaço urbano escolhido para o projeto, foram coletados dados a partir da observação direta não participante e do ato de caminhar pela zona e seu entorno, de setembro de 2019 a outubro de 2020, em diferentes dias, meses e horários por compreender a importância do longo período para a validação de um diagnóstico. O local deveria ser compreendido durante diferentes épocas do ano, assim, foi observada a hipótese de que o espaço poderia apresentar diferentes comportamentos sociais, isto é, ser utilizado por pessoas de grupos distintos com objetivos distintos em sua utilização conforme a época do ano, dias da semana ou horário, por exemplo, o fluxo de passantes poderia aumentar no verão e diminuir no inverno. Para efeito de potencializar a análise, outros projetos de transformação dos espaços urbanos na cidade de Lisboa foram avaliados, para assinalar os elementos que conseguiram garantir-lhes uma melhor usabilidade, um diferente comportamental-social, sua transformação de um “não-lugar” em um lugar e a construção de novos afetos urbanos.

5.4 Zona Cais do Sodré

A zona do Cais do Sodré é um dos locais com maior fluxo de pessoas, segundo o portal Público (2020): na estação ferroviária, passam mais de 1,5 milhão de pessoas por mês. O local também tem estações de metrô (linha verde) e uma estação fluvial que liga as cidades do outro lado do Rio Tejo. Ao lado das estações, há um espaço que liga o Cais do Sodré a Santo que não proíbe a presença de veículos, mas é utilizado principalmente por pedestres e ciclistas. Por não oferecer nenhum atrativo para a convivência, define-se como um local de passagem, um espaço esquecido, embora tão próximo à linha mais movimentada de Lisboa. Na figura abaixo observamos o local selecionado:



Figura 3: Local selecionado para revitalização
Fonte: Google Maps

O espaço público selecionado conta com 26 bancos distribuídos por quase um quilômetro de extensão, além de árvores muito finas, incapazes de proporcionar sombra fresca nos dias de verão, a iluminação é precária, os atrativos próximos são alguns restaurantes, sendo o mais famoso a Portugália, um ginásio e duas casas noturnas que funcionam nos finais de semana. Em meio à pandemia global, até o mês de outubro de 2020, os locais noturnos estavam obrigatoriamente fechados e os restaurantes funcionando com lotação reduzida. Foram realizadas visitas presenciais ao Cais, em diferentes dias e horários, com o objetivo de verificar sua dinâmica e constatou-se que, antes da pandemia, era um lugar de passagem e, durante a pandemia, essa finalidade continuou. Mesmo em dias de sol e calor, poucas pessoas circulam por ali, exceto para a prática de exercício físico (corrida, caminhada e ciclismo).

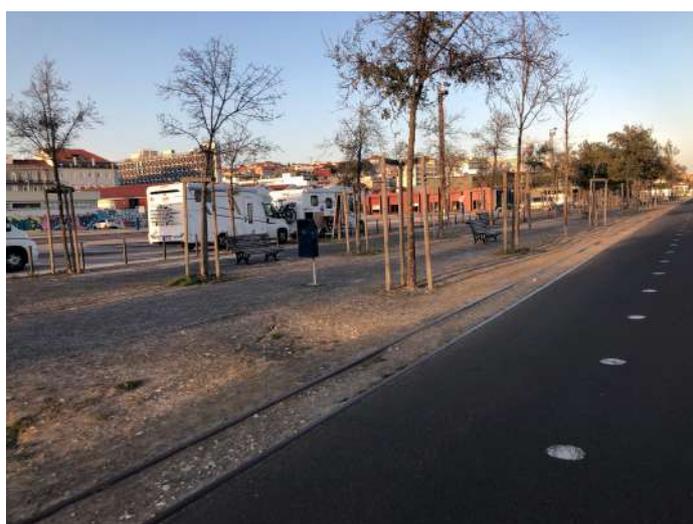


Figura 4: Local selecionado para revitalização, visita em setembro 2019
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

A primeira visita ocorreu em setembro de 2019, quando em Lisboa ainda há um clima ameno, com longos dias de sol. Contudo, observou-se o local vazio, sem nenhuma dinâmica ou qualquer tipo de encontro ou atividades. O segundo momento ocorreu em fevereiro de 2020, no inverno, quando o clima já estava fresco, e a experiência foi a mesma do ano anterior, sem qualquer tipo de movimentação. As visitas subsequentes, sendo de duas a três vezes ao mês (exceto em períodos de confinamento), continuaram com a mesma rotina: esporadicamente, um grupo circulava pelo espaço, sem vivenciá-lo, isto é, usavam-no como um não-lugar, parecendo não entender o valor daquele espaço para que pudessem vivenciá-lo de maneira mais duradoura.



Figura 5:Local selecionado para revitalização, visita em fevereiro 2020
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

Em fevereiro de 2020, foi observado um casal sentado, conversando e olhando para a paisagem, pondera-se que o local tem potencial para transmitir toda a sua beleza, a vista é privilegiada, em frente ao Tejo e com um grande espaço livre. Porém, afirma-se que não é o que ocorre; as árvores são finas, pequenas, os bancos quebrados ou velhos, a calçada é desnivelada, com pedras e alcatrão desproporcionais e não há bebedouros ou aparelhagem de ginástica; não há nenhum atrativo, além da vista para o rio. Atrás do espaço selecionado para o projeto, há um estacionamento de grandes dimensões, privado, pouco utilizado, posto que em mais de 20 visitas estava sempre vazio, como ilustra a fotografia a seguir.

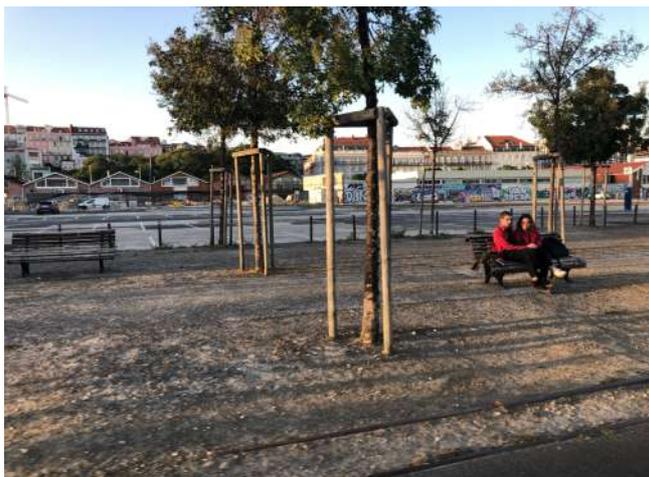


Figura 6: Bancos e árvores do espaço selecionado, visita em fevereiro 2020
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

Em março, com a temperatura aumentando, observou-se o aumento de passantes, um número ainda baixo, mas o asfalto plano proporciona caminhadas amenas ou a prática de atividade física, como corrida ou ciclismo, sem buracos ou pedras que atrapalhem ou causem pequenos incidentes.



Figura 7: Local de passagem, visita em março 2020
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

Em julho 2020, observou-se que o local continuou como de passagem, com um pequeno aumento de aproximadamente 10% no número de pedestres, mas em momentos de sol a pino permanecia ermo devido, conforme nossa hipótese, à falta de árvores robustas que proporcionassem sombra fresca, de bebedouros públicos ou comércio de alimentos e bebidas

quiosques e banheiros. Sem pontos de apoio aos frequentadores, o espaço se torna inóspito, especialmente em dias quentes e secos.



Figura 8: Local vazio, visita em julho 2020
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

No mês de outubro 2020, uma visita foi realizada no fim da tarde, com o objetivo de entender se o volume de pessoas aumentava, uma vez que estariam voltando do trabalho ou realizando alguma atividade física, e foi possível observar algumas pessoas correndo ou caminhando. Contudo, foi constatado que as pessoas não percorriam somente o caminho, elas continuavam, no local, em suas extremidades, assim, compreende-se que não estavam dispostas a vivenciar o Cais.



Figura 9: Local utilizado para desporto, visita em outubro 2020
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

Conforme as imagens a seguir, os bancos estão descascados, alguns quebrados, contribuindo para uma sensação de decadência, abandono e mal-estar. As árvores estão em fase de crescimento e produzem uma sombra exígua sobre eles.



Figura 10: Banco descascado e quebrado
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

A estrutura disposta para o devido crescimento das árvores é precária, sem golas na base do tronco ou um pequeno canteiro, o que confere ao espaço uma aparência inóspita e de negligência do espaço.



Figura 11: Arborização precária
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

O Cais do Sodré a Santos conta com uma vista privilegiada do Tejo, costeia o rio; em termos de paisagem, oferece uma sensação agradável com vista para as águas correntes, a ciclofaixa e o promenade margeiam-nas. Gehl afirma que os locais que têm uma vista próxima ao mar, ao lago, ou à paisagem ou montanhas são muito procurados por transmitirem uma qualidade no espaço urbano (2014, p.178).



Figura 12: Local com vista privilegiada para o Tejo
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

Porém, o piso é desnivelado, feito com diferentes materiais: o asfalto na ciclofaixa e área de pedestre e, na área de descanso, há uma mistura de terra batida com pedras. A impressão é a de que o local está inacabado, em fase de construção ou essa foi interrompida, não convidando a vivenciá-lo como um espaço de experiência e afeto.

Em vários pontos, há buracos, detritos e pedras soltas; não há qualquer tipo de iluminação no piso, o que torna o local perigoso para caminhadas ou estadias. Gehl defende que “(...) é preciso ainda haver iluminação nos pisos, superfícies e degraus, para que o pedestre possa se movimentar com segurança” (2014, p. 133). Assim, compreende-se que o local, por aparentar descuido e abandono, não é atrativo como paragem. O autor pondera ainda sobre a necessidade de os espaços serem cuidadosos para que possam oferecer um local de transição ativa e oportunidades de permanência, deve haver um motivo real para usufruí-lo (2014, p. 137). Como tal, cuidar do piso pode ter um papel determinante para a estadia no local e, se os diferentes materiais utilizados não beneficiam a estética e a experiência do pedestre, ele deve ser reavaliado.



Figura 13: Diferentes pisos em desnível nas áreas de descanso e de passagem
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel



Figura 14: Diferentes pisos (pedras, asfalto, terra batida)
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel



Figura 15: Buraco próximo à área de descanso
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

Além da vista ampla para o Tejo, o Cais tem uma vasta área com potencial para se desenvolver atividades que gerariam movimento. Com a inserção de bancos convidativos, aparelhagem de ginástica, árvores robustas, harmonização da calçada, colocação de bicicletários, bebedouros e quiosques, acreditamos que a paisagem incrementada poderá trazer grandes ganhos à experiência. Gehl apresenta que uma transformação na estrutura dos bancos pode ser fundamental para mudar o padrão de comportamento e uso de um espaço:

Mudanças simples, como melhorias nos bancos no porto de Aker Brygge, em Oslo, podem mudar padrões de uso de forma significativa. Em 1998, os bancos antigos foram substituídos por modelos novos que mais que dobraram a capacidade de assentos da área (+ 129%). Levantamentos feitos em 1998 e 2000, antes e depois da mudança, mostram que o número de pessoas que utilizam os bancos dobrou, em resposta às novas opções (+ 122%) (2014, p. 16-17)

Montgomery confirma que em uma paisagem urbana, há diversos símbolos que ajudam a construir a memória e emoções do local. Os espaços, sejam parques, ruas ou fachadas de prédios conseguem transmitir significados, servem como mensagens para entender o que a sociedade é e para que serve. Por esse motivo é necessário ter cuidado com o efeito que a estética traduz para as emoções e uma maneira de trabalhar isso seria a infusão da natureza para poder ajudar a acalmar quem frequenta o lugar, mas também para dar a sensação de segurança e generosidade (2015, p. 293).

5.5 Benchmarking - Parque Ribeirinho Oriente de Lisboa

Ao longo dos anos Lisboa reformulou seus espaços urbanos: novos parques foram construídos em locais abandonados, pisos foram alterados, mobiliários foram criados, com o objetivo de ter novos atrativos para que a população interagisse mais com o local. Dessa forma, pondera-se, florescem os afetos urbanos, os novos convívios, as novas experiências. Segundo o site Público (2020), 2020 foi o ano da reconquista do espaço urbano: as ruas tornaram-se as atuantes principais da sociedade e isso foi potencializado pela pandemia, que trouxe a necessidade de se alterar os padrões da mobilidade. Assim sendo, a Câmara Municipal de Lisboa implementou programas de revitalização dos espaços públicos, como o “A Rua é Sua”, “Lisboa Ciclável” e a Zona de Emissões Reduzidas Avenida Baixo Chiado, esse último com o objetivo de se reduzir o tráfego de automóveis no centro da cidade.

Coverley discorre sobre o impacto emocional e comportamental de um local público, para isso é necessário monitorar e registrar sua dinâmica e transformações; com a devida análise, poderá contribuir para a construção de um novo ambiente urbano, que poderá refletir nas necessidades e desejos da população (2006, p. 89). Outro ponto é a necessidade de compreender que a cidade pode trabalhar para potencializar as emoções positivas e diminuir as dificuldades passíveis de serem encontradas em um local, fazendo com que o espaço público se torne agradável, que haja convívio, possibilite a criação de laços e a geração de novas oportunidades (MONTGOMERY, 2015, p. 78).

Em fevereiro de 2020, o Parque Ribeirinho Oriente de Lisboa foi inaugurado como parte do programa Lisboa Capital Verde. Segundo o jornal Público (2020), observa-se que o local, antes abandonado, sem qualquer utilização ou entretenimento para os cidadãos, foi revitalizado e transformou-se em um espaço público altamente frequentável. Verifica-se, nesse caso, a transição de um “não-lugar” para um lugar com significado, com direito ao uso e ao convívio. Segundo site Nit (2020), o projeto oficial de revitalização do local tem oito hectares, ou seja, um local extenso, mas somente quatro hectares foram transformado, proporcionado atividades ao ar livre tanto para adultos quanto para crianças e isso representa uma faixa de 600 metros em frente do Rio Tejo. Na imagem abaixo representa o espaço antes da reforma, o piso não havia nenhum tratamento, o verde era escasso e não havia bancos para o convívio das pessoas e muito menos alguma atividade de entretenimento, como zona com atrativos infantis (ex. balanços, escorregadores, entre outros).



Figura 16: Parque Ribeirinho Oriente de Lisboa antes da revitalização
Fonte: Time Out Portugal (2018)

Após a reforma, o local apresenta diversos com espaço interativos, como brinquedo para as crianças, uma biblioteca, uma oficina de bicicleta e diversos mobiliários urbanos (bancos, espreguiçadeiras, bebedor de água, bicicletários, entre outros). Além disso, novos canteiros foram construídos, novas árvores foram plantadas e o piso foi construído de maneira que enaltecesse a paisagem e harmonizasse com cada ambiente, por exemplo, para as crianças, colocaram areia, para a ciclofaixa, asfalto, e o restante segue com paralelepípedos. Entende-se que todos esses elementos da revitalização contribuem para que moradores da região e visitantes tenham novas experiências e a criem memórias afetivas sobre o espaço público. Gehl aponta que “as cidades podem convidar as pessoas para uma vida nela, há muitos exemplos de como a renovação de um único espaço, ou a mesmo a mudança no mobiliário urbano e outros detalhes podem convidar as pessoas a desenvolver um padrão de uso totalmente novo” (2014, p. 16). Acredita-se que o que Gehl descreve foi o que ocorreu no Parque Ribeirinho, antes não utilizado, mas que agora ganha vida, um novo comportamento de uso e cuidado com o local. Os afetos urbanos começam a ser fortalecidos. Nas imagens abaixo vemos os diferentes serviços e ambientes criados no Parque Ribeirinho Oriente de Lisboa:



Figura 17: Conjuntos de imagem do Parque Ribeirinho Oriente de Lisboa após revitalização, agosto 2020
 Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel

Carlos defende que o espaço que sofre mutações pode redefinir “os ritmos e usos nele, e com isso alteram o ritmo da vida cotidiana. Mas, a vida não muda só porque existem renovações urbanas, pois assiste-se no mundo moderno, transformações no plano de vida revelando-se no modo de usar tempos e espaços” (2007, p. 84). Mascarenhas afirma que as alterações de uma cidade devem ser pensadas de forma a contribuir para a qualidade de vida dos habitantes e ainda que zonas verdes têm consequências diretas para o conforto e a felicidade de quem as frequenta (2018, p. 49-59). Deste modo, conclui-se que o projeto de revitalização do Parque Oriente Ribeirinho de Lisboa - que antes era uma zona abandonada - em um parque com atrativos de convivência, faz com que haja novas novas interações para o bairro e para a cidade, trazendo mudanças socioculturais significativas para o local, além de ser um marco em relação à priorização da qualidade de vida no espaço público.

6. Revitalização Espaço Público e Geração de Novos Afetos

6.1 Proposta Estrutural

Gehl escreve: “Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio nada acontece” (2014, p. 22). O autor reforça a necessidade da presença de pessoas nos lugares, como forma de chamar a atenção e transmitir segurança a quem ali nunca frequenta. Ainda faz um comparativo citando como exemplo um teatro vazio e outro lotado: o primeiro pode comunicar que a peça não é interessante e, por isso, não vale a pena assisti-la; o segundo sugere uma experiência agradável (2014, p. 63). Dessa forma, compreende o que sucede em um espaço público: quanto mais vazio está, menos interessante parece.

O Cais do Sodré, em frente ao Tejo e próximo ao transporte público, contém elementos atrativos o bastante para merecer a devida revitalização. Por ser um lugar de passagem e por oferecer um amplo espaço para atividades que farão o público vivenciá-lo durante mais tempo, tem potencial para a geração de novos valores e afetos urbanos. Além do mais, no contexto da pandemia é preciso respeitar o distanciamento social, e, por ser o Cais uma grande área no espaço público, esse é um diferencial que desperta a curiosidade e o desejo de ocupá-lo melhor.

A primeira etapa da revitalização proposta será o piso. Conforme observado anteriormente, está degradado, é feito de diferentes materiais aleatórios, buracos e pedras soltas. Portanto, faz-se necessário um acabamento que dê segurança aos pedestres e ciclistas, pois, segundo Gehl, “a garantia de um piso não escorregadio e seco para os pedestres é parte indispensável de um convite sincero às caminhadas urbanas” (2004, p. 133). Assim sendo, a pedra portuguesa, um ícone identitário da arquitetura do país, foi selecionada como piso predominante, combinada a pisos gramados, para obter-se a sensação de conforto e bem-estar; a continuação do asfalto para áreas de caminhadas, corridas e ciclofaixas é adequada posto que é o melhor piso para essas práticas. Para a reformulação do espaço de descanso, consideremos as imagens abaixo como referências:



Figura 18:Exemplo de calçada portuguesa
Fonte: Roc2C



Figura 19:Exemplo de calçada com verde
Fonte: Casa e Construção (2016)

Montgomery aponta que espaços públicos que priorizam o verde reduzem o número de assaltos, assassinato e roubos (2015, p. 202) e cita um estudo realizado em Los Angeles que confirmou a relação direta entre bem-estar e menor violência ao evidenciar que os residentes próximos a parques se sentiam mais úteis e confiantes, independentemente de sua renda ou raça (2015, p. 204). Gehl sustenta igualmente que o paisagismo tem papel fundamental na revitalização de um local: “As árvores fornecem sombras nos meses quentes de verão, refrescam e limpam o ar, definem o espaço urbano e ajudam a destacar pontos importantes. Uma grande árvore numa praça sinaliza: ‘aqui é o lugar’” e acrescenta que os espaços verdes contribuem para o valor de uma cidade, ajudando na recreação, na sustentabilidade (2014, p. 180).

No Cais do Sodré há pequenas árvores, que não oferecem a sombra necessária no verão e, visualmente, são um espaço verde tímido, desolado, digno de compaixão em meio ao asfalto e ao cinza dos pisos. Para o projeto ter um espaço verde que ostente a presença da natureza ao lado do rio, será necessário plantar mais e maiores árvores, plantas ornamentais e construir espaços onde o verde interaja harmoniosamente com o mobiliário urbano, como no exemplo abaixo:



Figura 20:Exemplo de natureza com mobiliário
Fonte: Hammer Smith Bid



Figura 21:Exemplo de área verde
Fonte: Détente Jardin

Para o espaço ser seguro, atraente e proporcione uma estadia duradora a seus frequentadores, a escolha de um mobiliário urbano é crucial para despertar o interesse e a

vontade de ali estar. Gehl ressalta que: “Caminhar deve ser uma atividade prazerosa com espaços agradáveis, mobiliário urbano adequado, bons detalhes e boa iluminação” (2014, p. 113). Além disso, as pessoas se sentem mais felizes se puderem escapar facilmente para um local público prazeroso, portanto, são fundamentais os mobiliários urbanos que proporcionem locais de descanso, que potencializem a estadia longa e que sejam, de alguma forma, um lugar para a desconexão com o cotidiano conturbado.

A seguir são apresentadas algumas referências de bancos em área de descanso para os usuários que precisem ficar no espaço por um período de média a longa duração. A proposta pretende transformar o Cais em um lugar de vivência e estar e não somente de passagem.



Figura 22: Bancos integrados com o espaço e natureza.
Fonte: Viva de Cora (2015)



Figura 23: Banco de descanso.
Fonte: Viva de Cora (2015)



Figura 24: Estações com diversas utilidades.
Fonte: Viva de Cora (2015)

Detalhes como lixeiras, bebedouros, golas de árvores, bicicletários e iluminação também são fundamentais para deixar o ambiente aconchegante e familiar, transmitindo a sensação de bem-estar. Gehl confirma: “A iluminação é crucial à noite. Uma boa iluminação sobre as pessoas e rostos e uma iluminação razoável em caos e recuos é necessária nas principais vias de pedestres, para reforçar a sensação de segurança (...)” (2014, p. 133); e mais: a iluminação noturna consegue contribuir para os sentimentos de segurança, além de ajudar no sentido de orientação (2014, p. 180). As imagens abaixo exemplificam a iluminação, bebedouro, gola de árvores e bicicletário. Com elas, espera-se evidenciar a pertinência e relevância do projeto de revitalização que liga o Cais do Sodré a Santos, trabalhando elementos essenciais para torná-lo mais harmonioso e convidativo, construindo novas percepções e, consequentemente, novos comportamentos sociais e culturais.



Figura 25: Iluminação com tecnologia Led
Fonte: Iluminim (2018)



Figura 26: Bebedouro acessível
Fonte: Steve Heap (2013)



Figura 27: Gola de Árvore
Fonte: Daniel So – Behance (2016)



Figura 28: Estacionamento Bicicletas
Fonte: BKT Mobiliário Urbano (2017)

No já referido estudo realizado na Suíça, Montgomery diagnosticou a relação direta entre a conexão com familiares e comunidades e a diminuição dos problemas de saúde, como resfriados, ataques cardíacos e depressão, e que as amizades com os vizinhos é um dos principais remédios para sanar essas aflições (2015, p. 101). Complementa que quanto mais as pessoas estiverem conectadas com o seu ciclo de amizade, em um dia específico, mais a felicidade e o prazer existem e menor são o estresse e a preocupação, ou seja, a socialização é fundamental para manter o corpo e a mente saudáveis (2015, p. 107). Gehl apresenta a necessidade de contato social na vida dos habitantes da cidade, para o autor “os convites basicamente determinam se os espaços da cidade têm a vitalidade que favorece o encontro entre as pessoas” (2014, p. 23). De acordo com Indovina, são necessárias novas formas de urbanização para que os espaços públicos gerem uma nova identificação, dando um novo significado para aqueles lugares considerados improváveis para a socialização (2002, p. 123), ou seja, as novas propostas para a urbanização do local podem gerar novos significados e percepções de um “não-lugar”, transformando-o em um local com propósito e sentidos.

No entrono do Cais do Sodré, há restaurantes e casas noturnas, mas funcionam com diferentes dinâmicas, são locais privados, com horários específicos e cardápios caros, que não atraem os passantes do local. Também é preciso criar dinâmicas sociais para o espaço por meio de estações de entretenimento e eventos sazonais. Essas atividades podem ser quaisquer tipos de ação que proporcionem o contato entre as pessoas e o espaço em si (GEHL, 2014, p. 18). Desse modo, reflete-se sobre a necessidade da oferta de atividades que possam entreter o público, como uma estação de ginástica para os adultos e um *playground* para as crianças, conforme as imagens abaixo.



Figura 29: Estação de ginástica para adultos em Cascais
Fonte: Portal Cascais (2019)



Figura 30: Estação brinquedo Parque Ribeirinho do Oriente
Fonte: Arquivo Pessoal Adriana Sixel

Para o projeto é também sugerido ter um quiosque no local. Segundo Time Out (2017), o primeiro quiosque em Lisboa data de 1869, mas em 2017 houve um *rebranding* do projeto dos quiosques de charcutaria e os quiosques de Lisboa foram sendo multiplicados desde então. Hoje, os quiosques são uma tradição na cidade, presentes nas principais praças da capital, com o objetivo de reunir os portugueses depois do trabalho ou para descontrair no final de semana. Neles é possível comprar bebidas alcoólicas, pequenos salgados, pastéis de nata e tostas. Alguns apresentam, durante o verão, um concerto musical no final do dia ou, nos finais de semana, durante a tarde, o que contribui para a contemplação do espaço e, sobretudo, da vida que ali acontece, uma vez que oferecem cadeiras e mesas ao seu redor.

Gehl escreve que: “Estudos de posicionamento de bancos e cadeiras no espaço da cidade mostram que assentos com melhor visão da vida na cidade são usados com muito mais frequência do que aqueles que não oferecem a visão de outras pessoas” (2014, p.25); o autor complementa com o fato de que a atração de um café sempre será a calçada, pois é a partir dela que se tem uma visão da vida urbana e, por isso, muitos cafés têm suas cadeiras e mesas do lado de fora do estabelecimento (2014, p. 25).



Figura 31: Quiosque em Lisboa
Fonte: Alma-Lusa (2012)

Desse modo, ressalta-se a importância da implementação de um quiosque no Cais, para a venda de bebidas e comidas, com cadeiras e mesas voltadas para o Tejo, e, durante o verão, uma programação musical e/ou teatral, além de promoções de *happy hour* para atrair diferentes públicos e, conseqüentemente, construir novos afetos e significados para aqueles que frequentam o local como passagem, como uma prática esportiva ou como uma forma de lazer.

6.2 Proposta Cultural

Outros serviços poderiam ser oferecidos para complementar a experiência e incentivar a mudança de comportamentos no local, como, por exemplo os que foram criados no Parque Ribeirinho do Oriente Lisboa, com bibliotecas e oficina de bibliotecas, e mais a locação de bicicletas para adultos e crianças pedalam à margem do rio. Também os entretenimentos sazonais, como festivais de verão aproveitando o clima agradável das noites, com cinema ao ar livre, festivais de música itinerantes (a exemplo a edição do Somersby Out Jazz) ou, nas tardes do final de semana, feiras ao ar livre, promovendo os produtos portugueses.

O espaço público pode ser revitalizado em sua estrutura, isto é, pisos, mobiliários urbanos, iluminação, criação de estações de práticas de exercícios físicos, sinalizações adequadas, mas entende-se ser necessário, para manter a vida ativa no Cais, a programação de atividades como forma de construir novas atrações e, conseqüentemente, novos sentidos para o local, novas percepções sobre a “cidade feliz”. Assim, novos afetos urbanos serão criados por meio das experiências vividas no lugar e consolidados nas memórias afetivas ali construídas.

Thrift afirma que as emoções surgem a partir de um momento sentido, isto é, vivências de um certo momento, que nem sempre podem ser nomeadas, mas são eternizadas (2008, p. 60); o autor acrescenta que os afetos são uma extensão temporal, ou seja, é comum pensar que eles são apenas projeções de um passado (2008, p. 139). Supõe-se que esses afetos sejam construídos de uma situação ocorrida, mas têm conseqüências e influências para o futuro, tanto próximo quanto distante. Desta maneira, é preciso ter um pensamento estratégico na revitalização de um espaço, para que ele consiga transmitir as devidas mensagens para a geração de valores positivos que serão agregados por meio das experiências e pela estética local.

Thrift também aponta como a cidade pode ser considerada generosa ou amigável para quem a frequenta, ou dura e hipercompetitiva (2008, p. 147). Em meio à pandemia, iniciada em dezembro de 2019, a transformação dos sentimentos com relação ao espaço público, percebido desde então como perigoso, pondera-se que as cidades, por mais amigáveis que sejam, foram

consideradas perigosas, inadequadas. Acredita-se que há uma necessidade de construir novos sentimentos e reconquistar aqueles que a frequentam. Assim, da mesma forma que Bogotá após o incentivo do prefeito Enrique Peñalosa, com o programa “O dia sem carro”, conseguiu modificar sua imagem de cidade perigosa para uma cidade com qualidade de vida, com bom tráfego de veículos, boa mobilidade e boas condições de vida, a partir do incentivo às bicicletas e caminhadas (GEHL, 2014, p. 220, 221), acredita-se que a exploração do potencial do Cais do Sodré para essas atividades transformará a experiência a curto, médio e longo prazo, além da geração de novos comportamentos sociais e econômicos.

6.3 Proposta Visual e Setorização

Para a revitalização de um espaço público, entende-se a necessidade de criar setores para que as dinâmicas ocorram de forma fluída e organizada. Ao analisar o Cais do Sodré, observou-se a falta de divisões claras para as atividades ali, por exemplo, a ciclofaixa, tinha bicicletas e pedestres circulando ao mesmo tempo, o que poderia causar algum acidente. Portanto, para o projeto foram criados oito setores de convivência para atividades seguras e de qualidade tanto para quem frequenta o espaço quanto para quem está de passagem. Entende-se que ao definir os locais por atividades, novos sentimentos serão gerados, uma nova percepção será construída, haverá uma nova dinâmica para o uso do local e as pessoas terão novos comportamentos sociais ali. As definições dos setores tiveram como base os autores citados neste estudo, além das atividades que já ocorriam no Cais, a demanda do espaço, as possibilidades de novas atividades que potencializassem a vida no local, trazendo novos convívios sociais e novas necessidades.

A primeira e a segunda setorização devem separar a ciclofaixa da área pedestre, deixando o ambiente mais seguro para os praticantes. Ambas as áreas foram colocadas à margem do Tejo, para que se aproveite a vista durante a atividade física e para deixar mais amplo o espaço dedicado às atividades de recreação, ao quiosque, às cadeiras e mesas, entre outros. O terceiro e o quarto espaços são focados em áreas verdes com o objetivo de trazer mais segurança e beleza para o local, pobre em natureza. A faixa vegetal foi criada próximo à ciclofaixa e à área de pedestre, e deverá ser bem cuidada, com golas para as árvores para o crescimento e para a segurança contra possíveis danos. O local contará também com jardins, hortas e pomares espalhados por toda área limitada, pois, por ser bem ventilado, próximo de bairros e transportes público, tem potencial para se tornar uma grande horta comunitária.

O quinto setor está focado no multiuso ou uso itinerante do local, com eventos de verão ou primavera, como o cinema ao ar livre, pequenos shows, feiras com venda de alimentos de

produtores locais, feiras de livro, brinquedos, entre outros. O objetivo desse setor é democratizar o espaço, para que seja de uso coletivo e, com os eventos, parte da renda poderá ser convertida para manutenção do espaço. O sexto setor é de uso recreativo, construído com mobiliários urbanos para a prática de esportes ou um *playground* para crianças.

O sétimo local são as “áreas de permanência”, onde sugere-se a colocação de bancos e espreguiçadeiras de boa qualidade ao longo de todo espaço. Além disso, um quiosque poderá ser construído para venda de bebidas e alimentos, com uma programação cultural durante a primavera e o verão, com apresentações musicais ou especiais de *happy hour*. Esse setor é crucial para que o espaço público não seja apenas de passagem e sim de permanência curta, média ou longa, e as atividades podem garantir que esse objetivo seja cumprido. Por fim, o último setor é dedicado à área de estacionamento de carros e bicicletas.

A ilustração abaixo apresenta a setorização proposta para o projeto de revitalização do Cais do Sodré tendo-se em vista novas dinâmicas de uso, novo propósito para o local e, conseqüentemente, novos grupos sociais frequentadores, contribuindo assim para a imagem da cidade e para a geração de novos afetos urbanos.



Figura 32: Projeto Setorial em parceria com a arquiteta Marina Rocha
 Fonte: Google Earth e detalhamento Marina Rocha
 (clique na imagem para ampliar)

A proposta visual do projeto de revitalização compõe dois recortes do espaço que se entende serem os melhores para visualizar e compreender as implementações e as transformações de acordo com o que foi descrito anteriormente. Na primeira imagem, é possível perceber que o espaço é amplo, em uma região privilegiada de Lisboa, em frente ao rio, mas há pouco

mobiliário, pouca arborização, diferentes tipos de piso, nenhum atrativo de entretenimento e uma ciclofaixa com pouca sinalização.

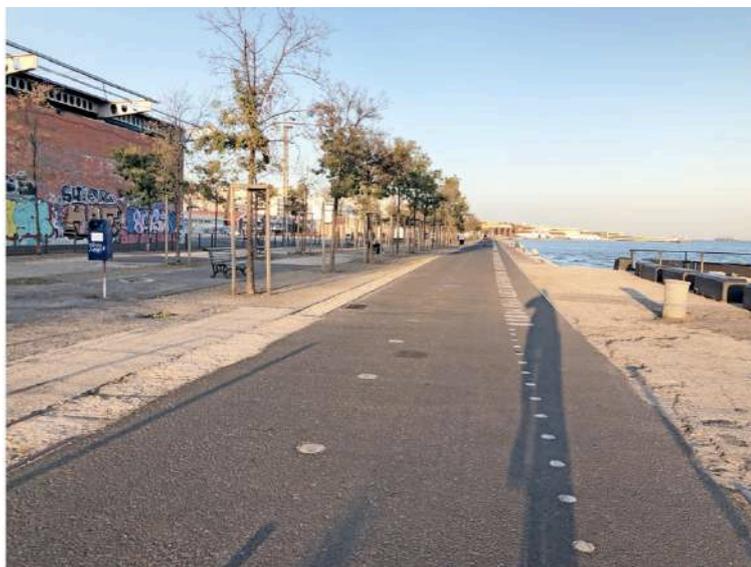


Figura 33: Proposta visual – espaço atual
Fonte: arquivo pessoal Adriana Sixel
(clique na imagem para ampliar)

Na primeira proposta visual, na imagem a seguir, destacam-se a sinalização da ciclofaixa, a inserção de espaços verdes ao longo da via, com devido respiro entre pedestres e ciclistas, mobiliários urbanos (cadeiras e espreguiçadeiras) de boa qualidade, propícias para que o usuário permaneça mais tempo, e a criação de um quiosque com mesas e cadeiras para maior convivência social no local. Essas transformações já transmitiriam a mensagem de que se trata um local cuidado e seguro que poderá proporcionar novos usos, e, conseqüentemente, novos afetos urbanos.

Na imagem já é possível ver como o ambiente tem uma drástica mudança visual apenas com alterações estruturais e pontuais, que são importantes para que haja uma setorização de atividades e compreensão de toda a história para ser contada no local. É importante que haja manutenção da limpeza e segurança para que o novo significado seja fortalecido ao passar do tempo. As atividades sociais e de lazer ainda continuam importantes para que haja uma vida no lugar, além de ser um atrativo para os frequentadores ou visitantes da cidade. Reforça-se que um espaço cheio de pessoas, atividades se torna um local seguro e com maior visibilidade na cidade.



Figura 34: Proposta visual – revitalização
 Fonte: Proposta desenvolvida em parceria com arquiteta Marina Rocha
 (clique na imagem para ampliar)

No segundo recorte, vemos a área de descanso e podemos observar a irregularidade do piso, com ferros expostos, bancos malcuidados e descascados, golas de árvores frágeis, de madeira, pouca área verde, árvores novas que não sugerem nenhuma sombra, uma área ampla sem nenhuma função e falta de dinâmicas sociais para criar atrativos no espaço.



Figura 35: Proposta visual – espaço atual
 Fonte: Arquivo Pessoal Adriana Sixel
 (clique na imagem para ampliar)

Na proposta de revitalização, sugerimos mobiliários urbanos de madeira de qualidade, zoneamento com barreira vegetal, golas de árvores de metal, para maior segurança e

sofisticação, piso de concreto trabalhado e aproveitamento do espaço ao fundo, por exemplo, para feiras itinerantes. Na imagem abaixo, é possível verificar que o estacionamento privado foi reutilizado para trazer novas dinâmicas sociais para a cidade, ficando totalmente integrado com o resto do espaço.



Figura 36: Proposta Visual – Revitalização
Fonte: Proposta desenvolvida em parceria com arquiteta Marina Rocha
(clique na imagem para ampliar)

Toda a proposta criativa foi pensada para uma melhor experiência no local, considerando, por exemplo, os diferentes tipos de piso para cada ambiente. Para a ciclofaixa, o piso, além de ter sido pintado, será asfaltado para a melhor performance das rodas de bicicleta, patins, ou outros veículos recreacionais ou para locomoção especial (cadeirantes). Já para a área de pedestre, foram considerados a pedra portuguesa, para destacar um elemento visual tradicional do país, e um piso um pouco menos escorregadio, mais poroso para melhor aderência a corredores, crianças e idosos que passam ali. As árvores e jardins também foram sugeridas ao longo de todo o espaço para trazer frescor no verão e beleza no ambiente. O banco de madeira foi pensado por ser um belo material natural que não esquenta muito com o sol a pino durante o verão e é confortável. O espaço também é projeto de maneira ampla nas áreas de lazer para que qualquer pessoa, mesmo com necessidades especiais, possa se locomover; não há ladeiras ou degraus que impeçam ou dificultem a passagem de uma cadeira de rodas, andador ou carrinho de bebê.

A revitalização proposta para o local selecionado é fundamental para gerar novos afetos urbanos e novos significados sobre os espaços públicos em uma era pós-pandêmica. Espera-se que após a vacinação a dinâmica social volte à normalidade e haverá uma busca crescente para

a convivência em ambientes públicos, participação de shows, enfim, por atividades que proporcionem a troca. Dessa forma, este projeto foi pensado para que todo mobiliário urbano, piso, vegetação, iluminação, além de atividades sociais e de lazer contribuam para a construção da imagem do local, tornando-o com o passar dos dias, meses ou anos, um lugar único, que desperta desejo e proporciona memórias inesquecíveis para quem o frequenta.

Para finalizar, reforça-se novamente a importância da manutenção, isto é, a rega das plantas, a pintura dos bancos, a troca de luzes, etc., para que este não se torne um não-lugar. Fica também a sugestão para que as pessoas que frequentem o Cais façam parte da dinâmica de seus cuidados, participando das feiras, eventos ou, por exemplo, implementando uma horta comunitária. É crucial para o sucesso da revitalização que a sociedade se sinta participante, senão dona, das mudanças do espaço.

7. Conclusão

O trabalho de projeto para a obtenção do grau de mestre em Cultura e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa começou por analisar os diferentes entendimentos sobre a definição de cultura com o objetivo de enquadrar teoricamente a influência dos espaços urbanos na construção de novas percepções culturais e novos comportamentos sociais. Para tanto, foram definidos quatro eixos temáticos, nomeadamente: o que é um espaço público; a compreensão do termo “não-lugar” de Marc Augé (1994); investigação dos estudos de afetos e a sua relação direta com os espaços urbanos; a apropriação de locais públicos e como isso influencia diretamente a relação das pessoas com a cidade. Para orientar e ampliar a investigação, estudou-se autores como Montgomery (2015), que reflete sobre as cidades felizes e seu poder de transformar as percepções acerca dos espaços urbanos; Gehl (2014), que defende que a cidade deve ser feita para as pessoas; Brandão (2011), que propõe iniciativas que corroborem com a construção da imagem de uma cidade; e Leys (2011) e Thrift (2008), que ponderam sobre a questão dos afetos e a relação dos espaços públicos.

Durante o estudo e desenvolvimento deste projeto, a pandemia causada pelo vírus covid-19 eclodiu e, a partir do final de 2019, espalhou-se pelo mundo, perdurando pelos anos em que decorreu este estudo. A doença trouxe novos comportamentos sociais, mudanças na dinâmica das cidades e na vida das pessoas, inclusive desta pesquisadora, que viu neste inesperado uma oportunidade para elaborar uma proposta para a Lisboa pós-covid. Assim, foi importante compreender as consequências impostas pelo isolamento e distanciamento social, as emoções geradas por este contexto, bem como os novos usos dos espaços urbanos, limitados no decorrer de 2020 e 2021 tornou-se uma prioridade deste trabalho.

Ao decorrer do trabalho foi analisado as diversas frentes de cultura - como a visão de Raymond Williams (1961), Terry Eagleton (2000), Stuart Hall (2003), entre outros-, com o objetivo de entender os diversos comportamentos socioculturais e as suas transformações ao longo dos anos, e após análise, a definição que mais se encaixou, após a conclusão deste projeto foi a de Williams, sendo a cultura social, representada pelo modo de vida construído, estabelecido e em constante transformação, que pode ter consequências diretas sobre os novos comportamentos. Para o estudo foi necessário observar as mutações sociais e culturais que tiveram influência direta em suas experiências, construção de valores e percepções dos espaços públicos. Assim, afirma-se que a cultura é construída a partir de um contexto e não pode ser compreendida como algo isolado e único, pois com o passar do tempo ela pode se transformar e adquirir um novo significado de influência perante uma sociedade.

As diversas reflexões dos autores citados neste estudo são pertinentes para todo o desenvolvimento, mas é necessário também reforçar o contexto pandêmico global que ao longo de 2020 e 2021 trouxe novas percepções sobre a vivência em espaços urbanos, conferindo-lhes um aspecto tóxico ou perigoso por serem locais de contágio em potencial. Neste intervalo, que inclui ainda o momento em que escrevo estas palavras conclusivas, também foram vividos tempos de isolamento total nas residências, com saídas permitidas somente para atividades físicas individuais ou para suprimentos e serviços essenciais (farmácias, mercados, médicos, entre outros). Os espaços públicos que antes eram vistos como inseguros, tornaram-se locais de desejo e liberdade se respirar a céu aberto, mantendo-se a distância necessária entre os indivíduos. Por outro lado, pontos turísticos da cidade que antes eram lotados, com filas enormes, tornaram-se espaços bucólicos, abandonados e sem nenhum significado, tornaram-se não-lugares. Porém, ao longo de 2020, as pesquisas científicas se aprofundaram cada vez mais e grandes empresas da área de saúde intensificaram seus investimentos para o lançamento da vacina contra o terrível vírus covid-19. Lisboa teve alguns momentos de desconfinamento, durante os quais restaurantes, bares e academias voltaram a funcionar com horários restritos e transportes públicos tiveram sua capacidade de ocupação reduzida. Em dezembro de 2020, a britânica Margaret Keenan, de 90 anos, foi a primeira pessoa vacinada do mundo, e, assim, nos quatro cantos da Terra, com o planejamento da vacinação em massa e o retorno gradual das atividades sociais, de lazer e trabalho, a esperança voltou a fazer parte da nossa vida.

Diante de todo esse contexto, verificou-se a oportunidade em desenvolver um projeto de revitalização de um espaço público na cidade de Lisboa, isto é, um lugar que atendesse às novas demandas de interação social. E colaborando para a valorização da cidade para os seus habitantes no período pós-covid. O local escolhido para o projeto, que corresponde ao trabalho final do Mestrado de Cultura e Comunicação, após sua revitalização, visa proporcionar novos atrativos, novos significados para a cidade, ao se tornar um lugar convidativo, onde novas emoções serão construídas, novas percepções do local geradas e, como o mundo ainda está em um estado pandêmico, locais de descompressão são especialmente necessários para o bem da mente, do corpo e da saúde. No portal Price Tags (2020), Gehl afirma que as cidades devem ser cada vez mais convidativas, para que a população possa ver e encontrar outras pessoas, possa experimentar os sentidos e frequentar espaços públicos de boa qualidade. Os espaços públicos para esses fins estão diretamente relacionados à vida democrática e plena a que as pessoas têm direito.

A entrega deste projeto é a primeira etapa de uma proposta e constitui-se como um modelo inicial na área criativa. O foco foi a análise comportamental e estrutural do local escolhido e a identificação de oportunidades para sua melhoria e revitalização. Para isso, foram desenvolvida uma proposta criativa com itens fundamentais para a geração de novos significados e, conseqüentemente, novos afetos urbanos para o local. O racional considerou novos bancos de madeira, material natural de alta resistência que combina com o local onde serão inseridos, com estruturas confortáveis que convidem à maior estadia. Além de que, a proposta inclui um novo piso em toda a extensão, com características específicas de acordo com cada uso, um projeto paisagístico, uma pintura sinalizando a ciclofaixa para que embeleze o espaço, um quiosque para venda de bebidas e petiscos, a criação de espaços de lazer e, por fim, houve um pensamento estratégico para trazer novas dinâmicas culturais para o local, colaborando para uma maior experiência, com feiras itinerantes ou shows durante o verão.

Entretanto, entende-se que este projeto necessita de uma segunda etapa focada no frequentador do espaço e habitantes da cidade de Lisboa para avaliar se as necessidades locais serão atendidas e se a demanda aqui relatada pode ser confirmada. E também para identificar outras oportunidades de acordo com necessidades levantadas e para avaliar a proposta criativa até este ponto desenvolvida. Observa-se que é de suma importância entender esses pontos antes de se implementar efetivamente o projeto, assim, evitando retrabalhos, má distribuição de verbas e problemas relacionados ao mau uso do dinheiro público que poderão ser identificados pela segunda etapa.

Por fim, acredita-se que deveria ter uma terceira etapa de evolução, sendo desenvolvido um plano de negócios do projeto para a sua criação e manutenção. Para isso, sugere-se realizar uma análise SWOT, identificação de fornecedores locais para a construção, orçamento inicial para revitalização (considerando todas as áreas de engenharia, pedreiros, arquitetura etc.), contratação de equipe de comunicação, identificação de itens de manutenção (ex. jardinagem, limpeza), identificação de empresa de engenharia e arquitetura, entre outros. Adicionado a isso, acredita-se que para o projeto ter um orçamento acessível e ser duradouro será necessário envolver marcas parcerias que possam realizar conteúdo para atrair o público. De toda forma, entende-se que a revitalização deste espaço, se implementada, poderá ser um grande sucesso que irá gerar novas experiências e significados, atrair público de diversas idades e contribuir para o afeto urbano na cidade de Lisboa.

8. Referências Bibliográficas

ALMA-LUSA. Isto é Portugal! Quiosques Lisboa. Disponível em: <https://alma-lusa.blogs.sapo.pt/625509.html>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Editora Papyrus, São Paulo, 1994.

ANTONIO, Ana, CABO, José Manuel, RODRIGUES, Reinaldo. Praças desertas, bancos vazios, uma cidade fantasma. Esta é a Lisboa do confinamento. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/lisboa-vazia---o-impacto-da-quarentena-12085794.html>. Acesso em 8 de outubro de 2020.

BRANDÃO, Pedro. O sentido da cidade: ensaio sobre o mito da imagem como arquitetura. Editora Livro Horizontes, Lisboa, 2011.

BENVETURA, Inês. Na nova Ribeira das Naus, Lisboa reencontra a sua história e o Tejo. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/07/13/local/noticia/a-nova-ribeira-das-naus-quer-ser-um-local-de-reencontro-com-o-tejo-e-com-a-historia-1662767>. Acesso em 5 de outubro de 2020.

BKT IMOBILIÁRIO. Ciclopuerto 011. Disponível em: <https://bktmobiliario.com/categorias/ciclismo-urbano/ciclopuertos/>. Acesso em 15 de dezembro de 2020.

CÂMARA DE CASCAIS. Cascais abre mais dois ginásios ao ar livre. Disponível em: <https://www.cascais.pt/noticia/cascais-abre-mais-dois-ginasios-ao-ar-livre>. Acesso em 20 de dezembro de 2020.

CÂMARA DE LISBOA. Câmara apresenta plano de transformação do espaço público. Disponível em: <https://www.lisboa.pt/covid-19-medidas-e-informacoes/noticias/detalhe/camara-apresenta-plano-de-transformacao-do-espaco-publico>. Acesso em 13 de setembro de 2020.

CÂMARA DE LISBOA. Lisboa Ciclável e A Rua é Sua. Disponível em https://www.lisboa.pt/fileadmin/actualidade/noticias/user_upload/Apresentacao_do_plano_de_transformacao_do_espaco_publico.pdf. Acesso em 5 de outubro de 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O espaço urbano – novos escritos sobre a cidade. Editora Contexto, São Paulo, 2007.

CASA E CONSTRUÇÃO. Modelos de Calçadas com Grama. Disponível em: <https://casaeconstrucao.org/wp-content/uploads/2016/11/modelos-de-calçadas-com-grama.jpg>. Acesso em 11 de dezembro de 2020.

CEREJO, José António. Câmara de Lisboa inaugura “Rua Rosa com apoio de marca de vodka. Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/08/31/jornal/camara-de-lisboa-inaugura-rua-rosa-com-apoio-de-marca-de-vodka-27028929>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

CIPRINO, Carlos. Dez estações concentram 38% dos passageiros de todo o país. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/08/26/economia/noticia/dez-estacoes-concentram-38-passageiros-pais-1928706>. Acesso em 09 de outubro de 2020.

CORREIO DA MANHÃ. Veja a cronologia dos principais acontecimentos desde o início da pandemia de coronavírus. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/veja-a-cronologia-dos-principais-acontecimentos-desde-o-inicio-da-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

COSTA, Xavier. Zona oriental de Lisboa tem um novo parque ribeirinho a partir de sexta-feira. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/05/local/noticia/primeira-parte-parque-ribeirinho-oriental-abre-sextafeira-1903044> . Acesso em 10 de agosto de 2020.

COVERLEY, Merlin. Psychogeography. Oldcastle Book Ltd, Londres, 2006.

DEL BAIRRO, Javier Martín. Como Portugal mantém o coronavírus mais controlado que países europeus mais ricos. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020->

[04-12/como-portugal-mantem-o-coronavirus-mais-controlado-que-paises-europeus-mais-ricos.html](https://www.04-12/como-portugal-mantem-o-coronavirus-mais-controlado-que-paises-europeus-mais-ricos.html). Acesso em 1 de outubro de 2020.

DÉTENTE JARDIN. Les plantes à installer sous les arbres. Disponível em: <https://www.detentejardin.com/en-pratique/planter/les-plantes-installer-sous-les-arbres-399>. Acesso em 11 de dezembro de 2020.

DINHEIRO VIVO. Especialistas dizem que Expo 98 “inspirou” revitalização da cidade de Lisboa. Disponível em: <https://www.dinheirovivo.pt/economia/especialista-dizem-que-expo-98-inspirou-revitalizacao-da-cidade-de-lisboa/>. Acesso em 26 de outubro de 2019.

DIREÇÃO GERAL DA SAÚDE. Como se transmite. Disponível em: <https://covid19.min-saude.pt/como-se-transmite-2/>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

EDUARDA, Maria. Como fazer a iluminação de áreas públicas de forma eficiente. Disponível em: <https://blog.iluminim.com.br/como-fazer-a-iluminacao-de-areas-publicas-de-forma-eficiente/>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

EURONEWS. 798: o bairro artístico de Pequim. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2018/10/15/798-o-bairro-artistico-de-pequim>. Acesso em 03 de outubro de 2019.

EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. Editora Blackwell Publishers Limited, Oxford, 2000.

FARINHA, Ricardo. Out Jazz anuncia jardins, datas e cartaz completo. Disponível em: <https://nit.pt/coolt/musica/out-jazz-anuncia-jardins-datas-cartaz-completo>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

FARINHA, Ricardo. As festas sunset na Ribeira da Naus começam esta terça-feira. Disponível em: <https://nit.pt/coolt/ribeira-das-naus-vai-ter-festas-ao-final-da-tarde-ate-setembro>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. Editora Perspectiva S.A, São Paulo, 2014.

GEHL, Jan. *Public Space, Public Life & Covid 19*. Disponível em: <https://covid19.gehlpeople.com/files/report.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

GEHL, Jan. *Public Space, Public Life & Covid 19: Phase 2 During the reopening phase in Denmark*. Disponível em: https://covid19.gehlpeople.com/files/report_phase2.pdf. Acesso em 30 de setembro de 2020.

GEHL, Jan. *Public Space plays vital role in pandemic*. Disponível em: <https://gehlpeople.com/blog/public-space-plays-vital-role-in-pandemic/>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

GREE, Jared. Interview with Chris Reed on Stoss' Futuristic Landscape. Disponível em: <https://dirt.asla.org/2015/01/20/interview-with-chris-reed-on-stoss-futuristic-landscapes/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

HEAP, Steve. Fuente de hormigón para beber em el parque. Disponível em: https://sp.depositphotos.com/18356403/stock-photo-concrete-drinking-fountain-in-park.html?share_source=pinterest-18356403. Acesso em 13 de dezembro de 2020.

IDEALISTA. Câmara de Lisboa mantém investimento previsto para 2021 – destina 64 milhões à habitação. Disponível em: <https://www.idealista.pt/news/imobiliario/habitacao/2020/11/16/45297-camara-de-lisboa-mantem-investimentos-previstos-para-2021-destina-64-milhoes-a>. Acesso em 14 de dezembro de 2020.

INDOVINA, Francesco. O espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança. *Cidades – Comunidades e Territórios*. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9168>. Acesso em 25 de outubro de 2019.

INNERATIVITY, Daniel. *O novo espaço público*. Lisboa: Editorial Teorema, SA, 2010.

JACOBS, Jane. A morte e vida das grandes cidades. Editora WMF Martins Fontes, São Paulo, 2011.

CASTILHO, Júlio. A ribeira de Lisboa: descrição histórica da margem do Tejo desde Madre de Deus até Santos-o-Velho. Editora: Imprensa Nacional, Lisboa, 1983.

JUNTA FREGUESIA MISERICÓRIDA, História e Arruamentos. Disponível em: <https://www.jf-misericordia.pt/historia>. Acesso em 16 de agosto de 2021.

HAMMER BID SMITH. Award-Winnig UK's Frist Business Community Parklets. Disponível em: <https://hammersmithbid.co.uk/our-projects/cleaner-greener-town/hammersmith-grove-parklets/>. Acesso em 11 de dezembro de 2020.

KRAUSS, Susana. Amesterdão: Um “museu” dentro do aeroporto. Disponível em: <https://viagens.sapo.pt/viajar/noticias-viajar/artigos/amesterdao-um-museu-dentro-do-aeroporto>. Acesso em 26 de outubro de 2019.

LEVY, Ruth. *The Turn to Affect: A Critique*. The University of Chicago Press, Chicago, 2011.

LISBOA GREEN CAPITAL. Câmara de Lisboa. Inauguração do Parque Ribeirinho Oriente. Disponível em: <https://lisboagreencapital2020.com/evento/apresentacao-de-um-jardim-em-lisboa/>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

LISBON LUX. Neighborhood Guide: Cais de Sodré. Disponível em: <https://www.lisbonlux.com/lisbon/cais-do-sodre.html>. Acesso em 14 de março de 2020.

LOBO, Renata Lima. Parque Ribeirinho Oriente: obra arranca em fevereiro. Disponível em: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/parque-ribeirinho-oriente-obra-arranca-em-fevereiro-012518>. Acesso em 13 de outubro de 2020.

LOBO, Renata Lima. Quiosques Lisboa: parecem cogumelos. Disponível em: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/blog/quiosques-em-lisboa-parecem-cogumelos-090817/>. Acesso em 18 de outubro de 2020.

LOPES, Jessica. A Famosa Pink Street de Lisboa. Disponível em; <http://www.tasaver.pt/a-famosa-pink-street-de-lisboa/>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

LUSA. Reino Unido. Chama-se Margaret, tem 90 anos e é a primeira pessoa no mundo a receber vacina da Pfizer contra covid-19. Disponível em: <https://expresso.pt/coronavirus/2020-12-08-Reino-Unido.-Chama-se-Margaret-tem-90-anos-e-e-a-primeira-pessoa-no-mundo-a-receber-vacina-da-Pfizer-contr-a-covid-19>. Acesso em 10 de maio de 2021.

LUX GOOD. Cais Sodré vestido de pink! A rua Cor de Rosa de Lisboa. Disponível em: <http://luxgood.blogspot.com/2013/09/cais-sodre-vestido-de-pink-rua-cor-de.html>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

MADANIPOUR, Ali. Whose public space? International case Studies in urban design and development. Routledge, Nova York, 2010.

MELO, Patrícia. 2020, o ano da reconquista do espaço público urbano. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/08/04/opiniao/noticia/2020-ano-reconquista-espaco-publico-urbano-1926796>. Acesso em 2 de janeiro de 2021.

MASCARENHAS, Jorge. Cidades e territórios inteligentes, sustentáveis e inclusivos. Editora Livros Horizontes Lisboa, 2018.

NAVES, Patrícia. Aqui estão as primeiras imagens do novo Parque Ribeirinho de Lisboa. Disponível em: <https://www.nit.pt/fora-de-casa/na-cidade/aqui-estao-as-primeiras-imagens-do-novo-parque-ribeirinho-orient-e-de-lisboa>. Acesso em 20 de agosto de 2020.

NEVES, Sofia. Covid-19 em Portugal: três mortes e 599 casos. R(t) e incidência a subir. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/05/21/sociedade/noticia/covid19-portugal-tres-mortes-559-casos-rt-sobe-103-1963511>. Acesso em 30 de maio de 2021.

NEVES, Sofia e Infografia. Joseph Bazalgette, a composição artística de um sistema de esgoto. Disponível em <https://www.publico.pt/2021/05/21/sociedade/noticia/covid19-portugal-tres-mortes-559-casos-rt-sobe-103-1963511>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.

MONTGOMERY, Charles. *Happy city: transforming our lives through urban design*. Penguin Books, Londres, 2015.

O'CONNOR, Eamon. *Public Space plays vital role in pandemic*. Disponível em: <https://gehlpeople.com/blog/public-space-plays-vital-role-in-pandemic/>. Acesso em 5 de outubro de 2020.

ORDONEZ, Nicolás Ramírez. Día sin carro y moto en Bogotá em 2021 se aplaza por crisis del Covid-19. Disponível em: <https://www.elcarrocolombiano.com/notas-de-interes/dia-sin-carro-y-moto-en-bogota-en-el-2021-se-aplaza-por-tesis-del-covid-19/>. Acesso em 20 de maio de 2021.

PAIVA, Ana Sofia. As várias vidas do Cais do Sodré. Disponível em: <https://maislisboa.fsh.unl.pt/as-varias-vidas-do-cais-do-sodre/>. Acesso em 8 de outubro de 2020.

PINCHA, João Pedro. No Hub do Beato ainda só há paredes. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/11/04/local/noticia/hub-beato-so-ha-paredes-1892297> . Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

PEATÓN, Peatonito. Peatónito entrevista a Charles Montgomery autor de Happy City. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_5FLemcMn3w. Acesso em 02 de outubro de 2019.

PLANNER, Sandy James. Jan Gehl, the Covid Crisis & The Future of Tomorrow. Disponível em: <https://pricetags.ca/2020/05/11/jan-gehl-the-covid-crisis-future-of-tomorrow/>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

PRO COLETIVO. Mobilidade: 5 tendências para o mundo pós-pandemia. Disponível em: <https://saopaulosao.com.br/conteudos/colunistas/4984-mobilidade-5-tendências-para-o-mundo-pós-pandemia-2.html#>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, LucVAn. Manual de Investigação em Ciências Sociais. Editora Gradiva, Lisboa, Portal, 1995.

RAPOSOS, Frederico. “Lisboa Ciclável” e “A Rua é Sua” são as apostas de Medina para a pós-pandemia. Disponível em: <https://smart-cities.pt/arquitectura-e-urbanismo/lisboa-ciclavel-ruasua0306/>. Acesso em 5 de outubro de 2020.

REPÚBLICA PORTUGUESA. Regulamenta a aplicação do estado de emergência decretado pelo Presidente da República. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=3f8e87a6-3cf1-4d0c-b5ee-72225a73cd4f>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

ROCC2C. Calçada Portuguesa. Disponível em: <https://www.roc2c.com/pt/>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

ROCK IN RIO. Rock in Rio. Disponível em: <https://rockinriolisboa.sapo.pt/pt-br/historia/>. Acesso em 25 de setembro de 2020.

RODRIGUES, Ana Luisa. O Mercado da Ribeira. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-mercado-da-ribeira/>. Acesso em 16 de agosto de 2021.

RTP. Coronavírus. O que é e como começou?. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/coronavirus-o-que-e-e-como-comecou_i1203294. Acesso em 20 de setembro de 2020.

SANTOS, Luís J. Time Out Lisboa inaugura o Seu Mercado da Ribeira. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/05/14/local/noticia/time-out-lisboa-inaugura-o-seu-mercado-da-ribeira-1635924>. Acesso em 07 de maio de 2019.

SIC NOTÍCIAS. Epidemia de Covid-19 em Portugal começou com variante do vírus proveniente do norte de Itália. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2020-09-28-Epidemia-de-Covid-19-em-Portugal-comecou-com-variante-do-virus-proveniente-do-norte-de-Italia-1>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

SETHA, Low. TAPLIN, Dana. SCHELD, Suzanne. *Rethinking Urban Parks: public space and cultural diversity*. The University of Texas Press, Austin, Texas, 2005.

SHENKER, Jack. The Guardian: Cities after coronavirus: how Covid-19 could radically alter urban life. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/26/life-after-coronavirus-pandemic-change-world>. Acesso em 6 de setembro de 2020.

SHERWOOD, Seth. Favorite Street in 12 European Cities: Lisbon, Rua Nova do Carvalho. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2015/04/15/travel/europe-favorite-streets.html>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

SO, Daniel. Tree Grilles. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/42063973/Tree-Grilles>. Acesso em 3 de janeiro de 2021.

STREET + GARDEN. Street + Garden. Disponível em: <https://streetandgarden.com/project/flinders-street/>. Acesso em 19 de dezembro de 2020.

TIME OUT. Guia completo dos festivais de verão. Disponível em: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/musica/guia-completo-de-festivais-de-verao>. Acesso em 26 de outubro de 2019.

THRIFT, Nigel. *Non-Representation Theory: space, politics, affect*. Routledge, Londres, 2008.

UNIVERSIDADE EXTERNADO DE COLOMBIA. El día sin carro: Una apuesta a largo plazo. Disponível em: <https://www.uexternado.edu.co/finanzas-gobierno-y-relaciones-internacionales/el-dia-sin-carro-una-apuesta-largo-plazo/>. Acesso em 28 de setembro de 2020.

SAUDE +. Covid-19: Pandemia já matou mais de 3,84 milhões de pessoas no mundo. Disponível em: <https://www.saudemais.tv/noticia/32776-covid-19-pandemia-ja-matou-3-84-milhoes-de-pessoas-no-mundo>. Acesso em 01 de julho de 2021.

VIVA DECORA. Mobiliário urbano: entenda o conceito e veja 20 exemplos criativos. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/curiosidades/mobiliario-urbano/>. Acesso em 12 de fevereiro de 2021.

WILLIAMS, Raymond. The long revolution, Harmondworth: Penguin Books, 1961.

WIKIPEDIA. Flâneur. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Flâneur>. Acesso em 27 de maio de 2021.